

TODO DIA TEM UMA MERDA

As Aventuras de um Nerd Brasileiro no Canadá



JOELSON
DE
SOUZA
2012

Izzy Nobre
hbdia.com

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

IZZY NOBRE

TUDO DIA
TEM UMA
MERDA

*As Aventuras de um Nerd
brasileiro no Canadá*

TUDO DIA TEM UMA MERDA

As aventuras de um nerd brasileiro no Canadá

Israel “Izzy” Nobre

Primeira edição — 2012

www.hbdia.com

À minha mãe, que não apenas me inspirou a escrever quando eu era moleque, mas também limpou minha bunda quando eu carecia das faculdades motoras para fazer isso por mim mesmo;

Ao meu pai, de quem eu herdei o vício em computadores e internet (o que acabou resultou neste livro);

E à minha mulher, a Rebecca, sem a qual minha vida seria muito sem graça.

Introdução

Oi. Meu nome é Izzy Nobre, e eu sou o dono do site Hoje é um Bom Dia (hbdia.com). Beleza?

Meu site (ou blog, se você prefere esse termo) é bem diferente da maioria dos sites da internet brasileira que você provavelmente conhece – eu o atualizo sozinho, e apenas com textos. Depois dá uma passada lá pra ver como é. Mas depois, porra; primeiro leia isto aqui.

Eu passei os últimos 10 anos (!!!) documentando a minha vida neste blog, e eu descobri algo curioso ao longo desta década que eu poderia ter passado fazendo algo mais proveitoso – as pessoas adoram ver as outras se fodendo. **ADORAM.**

O único prazer maior que ouvir uma história em que alguém se dá mal é presenciar a desgraça alheia com os próprios olhos – e o meu blog é mais ou menos isso: um registro histórico das maneiras mais variadas em que eu consigo me dar mal.

Existem outros componentes que fazem o HBD o que ele é – o fato de que eu moro no Canadá, e que sou nerd, e que sou viciado em tecnologia/quadrinhos/redes sociais, e que vivo me metendo em confusões na internet.

Mas isso tudo meio que virou um pano de fundo nos anos recentes. O carro-chefe do meu site é, de fato, as histórias completamente improváveis em que eu consigo me foder. Como você descobrirá em breve, eu consegui cagar acidentalmente num tapete, quase morri esquiando, e fui parar no hospital enquanto arrumava minha cama.

Sim, é humanamente possível precisar de uma viagem em uma ambulância por causa da forma como você arruma a colcha da sua cama.

Antes de mais nada, um aviso: sim, todas as histórias que você está prestes a ler aqui são verídicas. Eu infelizmente não tenho a manha necessária pra **criar** histórias, então tudo que eu faço é narrar o que acontece comigo. Curiosamente, essa mediocridade literária acaba servindo como selo de garantia da autenticidade de tudo que você está prestes a ler.

Embora o nome do meu site pareça sugerir algum tipo de ideologia otimista a la Pollyana, não se engane: sou na verdade um eterno pessimista, confiante de que uma catástrofe se esconde em cada esquina. Sou tão hipocondríaco, por exemplo, que é capaz de eu nem ser realmente e apenas achar que sou. E se meu site prova alguma coisa (além de que eu desperdicei minha vida escrevendo na internet quando poderia ser um médico ou um ator pornô ou algo legal assim), é que o universo não conhece limites para as maneiras incríveis que ele é capaz de usar pra te foder.

Daí vem o nome do livro, “*Todo dia tem uma merda*”. Esta é a única verdade absoluta do universo, um dogma inviolável que rege a nossa existência. Todo dia, sem falta, sem exceção, tem uma merda.

Apenas torça pra que as suas não sejam tão fenomenais e desmoralizantes quanto as minhas.

Este livro é apenas uma coletânea das minhas supostas “melhores” histórias, conforme escolhidas pelos quase dez mil malucos que acessam o meu site todo dia.

Se você gostar do que leu aqui, venha ler mais em hbdia.com. Há dez anos de textos lá, é conteúdo pra caralho (e tudo original, ao contrário de 99% do que circula a internet brasileira).

Caso você tenha algum motivo pra querer entrar em contato comigo, você também poderá me encontrar no twitter ([@izzynobre](https://twitter.com/izzynobre)), no Facebook (facebook.com/hbdia) ou por email (izzynobre@gmail.com).

Sobre os direitos de distribuição do livro, essas coisas e pá:

Como você talvez tenha notado pelo fato de que estou dando este ebook gratuitamente na internet, não tenho lá grande interesse em fazer dinheiro com ele.

Alguns leitores do meu site disseram que gostariam de comprar a parada pra me recompensar pelo trabalho e tudo o mais (o que é uma proposta tentadora), mas não quero limitar o acesso ao livro apenas a estes raros mecenas. Portanto, se você sentir que o livro valeu alguma coisa, sinta-se à vontade para doar alguns trocados usando o botão de doação do Paypal na minha página. Se não, xingue-me mentalmente por ter perdido seu tempo, delete o livro e nunca mais volte ao meu site.

Seja lá em qual dos grupos você se encontre, pode distribuir este livro o quanto você quiser (aliás, eu peço que você o espalhe entre seus amigos!), contanto que não altere o conteúdo.

Então, eu caguei no tapete do banheiro

Pois bem. O título deste capítulo explica tudo que você precisa saber, mas vou contar a história em detalhes. Antes disso, pra te ambientar na situação, preciso que você saiba algo sobre mim.

Eu sou completamente complexado em relação a funções corporais e minha mulher. Estamos juntos há quase 8 anos, moramos juntos desde 2007, e apesar disso apenas recentemente acumulei a coragem pra soltar um tímido peidinho na presença dela.

O meu *modus operandi* sempre foi dizer *”pera, acho que deixei X lá no quarto, vou pegar“*, dirigir-me ao meu aposento e então peidar silenciosamente, como Anne Frank provavelmente peidava quando se escondia dos nazistas. Aliás, no caso da Anne Frank ela tinha que peidar e em seguida aspirar o peido avidamente, ou o metano poderia denunciar sua presença naquele sótão empoeirado em Amsterdã.

Pra tu ter uma idéia do meu complexo, durante todos esses anos eu esperava que minha muié saísse de casa pra poder usar o banheiro, acredite se for capaz.

A propósito, eu inclusive perdi aquela característica fobia de cagar fora de casa porque descobri que aliviar-me no trabalho era uma alternativa melhor que defecar em casa. Assim, eu nunca correria o risco de ela precisar usar o banheiro imediatamente depois ou, cruz credo, esquecer de trancar a porta do banheiro e ela me surpreender em meu momento mais vulnerável.

Pois bem. Tendo em mente esse meu complexo psicológico que me impede de cagar em minha própria casa (que indignidade, meu deus do céu — pago tudo nessa porra e não posso borrar a porcelana do banheiro?!), recebam a história que contarei.

Em julho rola um evento aqui em Calgary chamado Stampede, que é um troço meio que Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos. Tem rodeios, tem exposição de animais carríssimos, todo mundo anda de botas, camisetas quadriculadas e chapéu de cowboy, e tem um parque de diversões — que é o único aspecto do evento que me interessa.



No tal parque de diversões — que é populado por uma miríade de brinquedos um mais enferrujado e inseguro que o outro, sendo operados por moleques que não tem idade nem pra dirigir, ou seja, inspira a mesma confiança que usar a mesma escova de dentes que um portador de herpes — há diversas guloseimas, todas absurdamente caras e quase criminalmente prejudiciais à sua saúde.

Como você pode averiguar pela foto acima, a decadência gastronômica dos norte-americanos não conhece limites. Sabe o que é “deep fried cheesecake”? Os caras pegam um cheesecake, que contém calorias suficientes pra pôr um foguete em órbita, e **JOGAM NA FRITURA**.

Em outras palavras: é mais ou menos um bolo frito, meus amigos.

É gordice extrema.



Analise a imagem acima. Nela você verá que uma garrafa d'água de 591ml custa três dólares.

Isso equivale a um dólar por menos de 200ml. Enquanto isso, gasolina custa \$1.13 por litro — ou um dólar por 884ml.

Em outras palavras: **A ÁGUA QUE VENDEM NESSA MERDA É 4.5 VEZES MAIS CARA QUE GASOLINA.**

Ok? Vocês compreendem a minha indignação? Passei menos de 2 horas na porra desse parque e gastei 87 dólares. O problema é que o evento é o maior do país, todo mundo da cidade não fala de outra coisa, ai de mim se eu não levar a muié pra passear lá por motivos de pão-durice.

A propósito, os 87 dólares foram só a comida e os brinquedos do parque. O estacionamento da parada custa 20 dólares. E a entrada, \$15 cada.

Pois bem, o jeito é aceitar o rombo na carteira de braços abertos. "Foda-se", pensei comigo mesmo, "já tá no inferno, come um bolo frito com o

Capeta“. E com este pensamento, saciei todos os meus desejos comidísticos.

Comi o tal bolo frito (uma bela merda, aliás, o que desmoraliza tanto os bolos quanto as frituras), sorvete, batata frita, nuggets, algodão doce, pizza... meu amigo, eu comi como se fossem me dar um milhão de dólares caso eu pesasse 200kg amanhã. A essa altura tem mais gordura que sangue correndo em minhas veias; considere-se sortudo se eu terminar este texto antes de cair no chão agarrando o peito desesperadamente.

Então, decidimos ir para casa. Ainda no carro, minhas tripas me informaram que não aprovaram desse total descontrole glutônico. Minhas entranhas se retorciam loucamente, deixando claro que eu precisava chegar a um banheiro o mais breve possível. A partir daquele momento minhas tripas eram uma bomba relógio, sem qualquer respeito por convenções sociais ocidentais.

Onde quer que eu esteja, nos próximos 30 minutos no máximo, eu estaria cagando furiosamente. Seja numa privada ou ali no banco do carro, minhas tripas eram completamente indiferentes. Por mais que eu tentasse prender o esfíncter, eventualmente eu soluçaria ou algo assim, e aí meu filho, tudo estaria perdido.

Entretanto, eis o impasse: minha mulher estaria em casa comigo. Como já expliquei, sou incapaz de cagar se ela se encontra dentro de um raio de 100 metros.

Uma vez acampamos juntos por quatro dias. Quatro dias sem cagar, meu amigo — não desejo essa sina nem pro cara que faz a piada do pavê ou pacomê sempre que alguém o informa do sabor do sorvete.

Por outro lado, eu seria igualmente incapaz de conter a massa fecal que se encontrava em extremas condições de temperatura e pressão em meu abdômen. Aquela mistura terrível de bolo com sorvete e batata frita (tudo chacoalhado e revirado por aqueles brinquedos fubengues prestes a se desintegrar caso alguém se apoie neles enquanto ajeita a cueca) estava entrando em ebulição e seria preciso botar aquilo tudo pra fora urgentemente.

Os deuses da internet estavam do meu lado hoje, porque mal cheguei em casa e a patroa capotou no sofá, exaurida. *”É minha chance“*, tutei mentalmente (eu converso comigo mesmo através de tuites mentais). Como um jaguar atrás de sua caça nas planícies africanas diante das câmeras do Discovery Channel, corri velozmente ao banheiro e tranquei a porta. Chequei a tranca da porta exatamente oito vezes, pra garantir que não seria surpreendido pela mulher.

Amigos, não entrarei em detalhes sobre a explosão de merda pressurizada que aconteceu em meu banheiro. Este ainda é um blog de família e de classe. Direi apenas que a Terceira Lei de Newton, a mesma que rege propulsão de foguetes ou de um balão de festa quando é perfurado por um conviva malicioso, levantou meu corpo 3 centímetros da privada.

Caguei **tudo** — comida digerida, comida não digerida, órgãos internos, minha alma, tudo espatifou-se ruidosamente contra a água da privada. Ricochetes acertaram-me de volta por todos os ângulos. 10 minutos depois, eu estava internamente limpo. Sentindo-me mais leve, suspirei aliviado.

Neste momento, achei que seria fútil acreditar que um rolo de papel higiênico poderia resolver minha situação; o papel é de fato uma maravilha do mundo industrializado mas há limites pro que ele pode fazer. Seria mais prudente pular no chuveiro.

E foi o que fiz. Tomei aquele belo banho e retornei ao computador. Mais ou menos meia hora mais tarde, a patroa acorda e dirige-se ao banheiro. Confiante que os 2 litros de desodorizador que eu injetei no lavatório teria anulado todo o odor fecal que penetrava cada centímetro cúbico do ambiente, nem me importei quando ela entrou no banheiro e fechou a porta.

Momentos mais tarde, a patroa me chama. *”Izzy...?”* O tom era de incerteza.

“Que é?”, berro do escritório.

“Você por acaso... você por acaso PEIDOU antes de tomar banho?”

Vixi. Essa pergunta só podia significar uma coisa: o Febreeze que eu vaporizei por 10 minutos no banheiro não agiu conforme promete a propaganda. Deveria haver alguns alguns mols de peido flutuando pelo ar, o suficiente para serem detectados pela mulher. Não sabia nem o que responder diante tamanha desmoralização.

“Ahnnn... o que?” tentei ganhar tempo pra bolar uma desculpa.

“Você tá doente, ou algo assim? Tá passando mal...?”

Continuei não entendendo a pergunta, e ficando cada vez mais apreensivo. Primeiro ela pergunta se eu peidei antes de entrar no chuveiro, e depois me pergunta se tou passando bem...? Mas que diabo de interrogatório bizarro é esse? Será que deixei algo flutuando lá na privada? Deve ser um tolete MacGyver, então, porque nadar contra a correnteza de quatro descargas é uma proeza olímpica.

“Ahnnn...” a mente se desespera pra bolar uma resposta *”não, eu tou bem... por que?”*

“Você deixou uma coisinha aqui no banheiro. Talvez seja bom limpar”

Se você já sofreu a morte de familiares próximos, imagino que a sensação de choque que você experimentou quando te deram a notícia seja similar ao que eu senti quando a menina falou isso. Incrédulo, vou ao banheiro.

A menina tava limpando o pé com um pedaço de papel higiênico. Ela olha pra mim, e em seguida aponta pro tapete na frente da privada.

Lá estava um pequeno círculo marrom de 3 centímetros de diâmetro, àquela altura completamente impregnado nas fibras do tapete. Ao conectar os pontos da massa fecal achatada contra o tapete e a menina esfregando o pé avidamente com o papel higiênico, percebi com completo horror que a patroa havia pisado no meu próprio cocô.

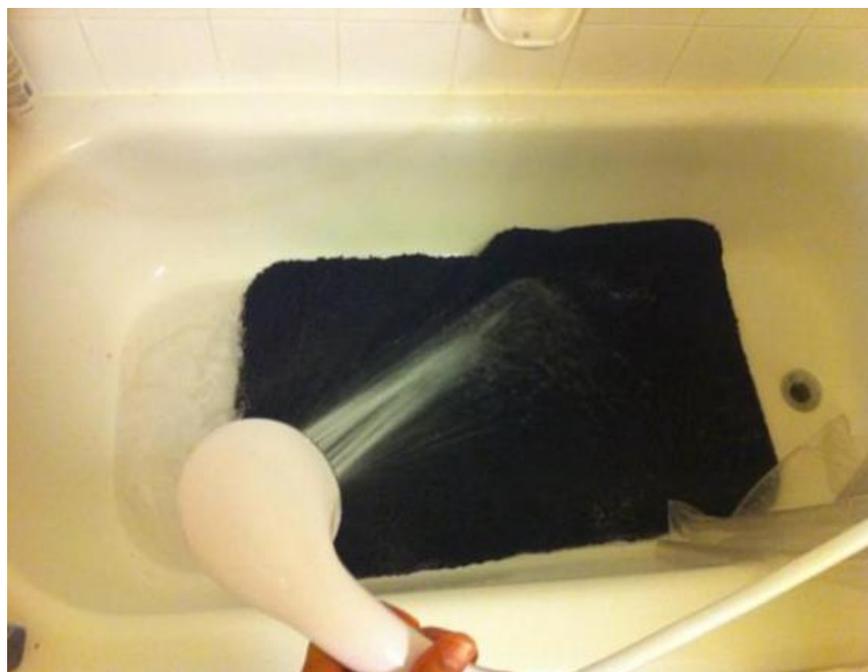
Ela termina de limpar o pé com o papel e, ainda não dando-se por satisfeita, mete-o embaixo do chuveiro.

Meu amigo leitor deste blog. Pare por um instante e coloque-se em minha triste situação. Pare até de baixar seus torrents e dê pause aí na sua música, pra você poder absorver completamente a catástrofe que era essa situação.

Lá estava eu, um sujeito tão complexado que sequer uso a palavra “peido” na frente da minha mulher, que **NUNCA** caguei em minha própria casa caso a menina encontre-se presente, observando com completa angústia a menina limpando a minha merda do pé dela, enquanto resquícios da minha bosta estragaram completamente o tapete que ganhamos de presente de noivado.

Eu não sabia se ria, se chorava, se pedia desculpa, se me jogava da varanda. A menina lavou o pé e saiu do banheiro, enquanto eu fiquei lá em pé na porta como se estivesse esperando acordar de um terrível pesadelo dirigido pelos irmãos Farrelly.

Eu, o homem e provedor da casa, o cara que abre todas as jarras que ela não consegue, o sujeito que masculamente troca as lâmpadas da casa e paga todas as entradas no cinema, o futuro pai dos filhos canadenses da menina... limpando merda do tapete do banheiro com o chuveirinho. A minha própria merda. A minha própria merda que eu, como algum tipo de macaco com síndrome de Down, consegui espalhar num objeto de decoração da minha casa.



Meu amigo, sério, pare de xavecar sua amiga no MSN aí e dedique toda a sua atenção para analisar a vergonha que brotava de todos os meus poros naquele momento. Meu amigo, se houvesse ali um buraco suficientemente grande pra que eu pudesse me jogar, pode crer que eu estaria tuitando de lá agora.

Aparentemente pular **DIRETO** da privada pro banheiro não é uma idéia tão boa assim; o grosso da bosta pode desprender-se das nádegas e adornar o tapete da privada para sua total desgraça.

Manos, que vergonha avassaladora. Eu, que morro de vergonha desse tipo de coisa, que prefiro passar apertos intestinais do que cagar se a mulher está em casa, tendo que viver como fato de que a mulher não apenas VIU meu cocô mas **PISOU EM CIMA DELE**.

A patroa aliás estava tão confusa quanto eu. Aquela pergunta inicial, se eu havia peidado antes de tomar banho, é porque o único cenário em que ela conseguia conceber alguém cagando no tapete do banheiro é que um peido particularmente potente poderia ter ejetado um pequeno pedacinho de cocô.

A outra hipótese, que ela não deve ter considerado por bondade, é que este energúmeno com quem ela pretende se casar é completa e funcionalmente retardado.

Você acha que eu estou exagerando? Saiba que esta é a SEGUNDA vez que eu cago no tapete do banheiro. Definitivamente esse negócio de pular no chuveiro pós-cagada não é uma estratégia perfeita.

Putá que pariu, minha mulher pisou na minha merda. Manos, eu acho que acabei de arruinar meu casamento.

O dia em que fui parar no hospital por arrumar minha cama

Era uma sexta feira, meu dia de folga. A namorada estava no trabalho, meu irmão sairia pro dele em poucos minutos, e em breve a casa repousaria no mais profundo silêncio e paz. O almoço já havia sido preparado horas antes pela muié, era o ambiente perfeito pra um cidadão passar um dia inteiro sem fazer coisa alguma, perambulando preguiçosamente pela casa trajando as cuecas do dia anterior.

Após pular pra mesa do computador e chamar todos os twitters que me seguem de bichas (minha costumeira rotina matutina), dei uma olhada ao redor do quarto e decidi que a profunda bagunça que envolvia cada centímetro quadrado do ambiente estava me incomodando um pouco. Meu quarto está preso numa estranha dimensão paralela em que, a despeito de qualquer esforço de limpeza, o nível de entropia é sempre máximo.

Roupas espalhadas pelo chão, cama desfeita, peças de computador e cartas de Magic embaixo da TV, livros jogados aos cantos, action figures empoeirados da mesa do meu computador, toalhas penduradas na maçaneta, incontáveis balinhas de armas de pressão e inexplicáveis pecinhas de LEGO embaixo da cama e em suas adjacências, que eu insisto em pisar em cima. Já pisou descalço numa pecinha de LEGO? Não é exatamente a melhor sensação do mundo.

Por mais que tentemos arrumar o quarto, é uma questão de minutos até que esteja tudo bagunçado mais uma vez. É uma luta perdida.



É isso é o que dá pra considerar “arrumado”

Então tentamos nos acostumar a dormir no meio da desordem. Naquele dia entretanto, num raro exercício de lógica altruísta, decidi que minha namorada já trabalha bastante arrumando a minha parte da bagunça, lavando minhas roupas e fazendo minha comida. Resolvi por a preguiça de lado temporariamente e tentar domar a bagunça perene dos nossos aposentos, como forma de agrado à namorada - uma boa ação que ela provavelmente recompensaria com sexo, que é (vamos ser sinceros) o único motivo pelo qual um homem faz qualquer coisa pra uma mulher que não seja sua mãe, irmã ou avó.

“Eu não estaria realmente arrumando o quarto”, pensei com meus botões, “e sim investindo no entretenimento futuro”.

Mal sabia eu que 30 minutos mais tarde essa decisão tão trivial me colocaria dentro de uma ambulância, imobilizado numa maca, inalando gás analgésico com uma intravenosa enfiada nas costas da mão.

Antes que eu continue a narrativa, xeu compartilhar uma epifania que tive durante a situação que estou prestes a contar pra vocês.

A vida é um constante aprendizado, algum famoso pensador (provavelmente morto, já que nunca ouvi falar de um sujeito vivo recebendo esse título) disse alguma vez. Cada dia traz uma importante lição.

Por exemplo, quando eu era moleque eu descobri que cutucar o nariz com muita força te ajuda a se livrar de sangue que você tem sobrando por aí. Uma outra coisa que eu aprendi quando era um garotinho é que dormir com um ventilador ligado bem rente à sua cara é uma ótima maneira de acordar completamente urinado.

Isso acontece porque aparentemente algumas pessoas perdem o controle da bexiga quando expostas a mudanças de temperatura durante o estágio de sono; o mesmo efeito pode ser atingido se você aumentar a potência do ar-condicionado no quarto de alguém durante a noite, ou se colocar a mão da pessoa numa tigela de água morna enquanto ela dorme. Tente com seus amiguinhos na próxima vez que eles dormirem na sua casa (ou não, caso você goste do seu sofá)!

Isso me ensinou outra lição — já viram quintais ou sacadas de apartamentos adornados com colchões encostados na parede? Então, esses colchões estão secando ao sol, pra diminuir o odor de mijo infantil que impregnou cada fibra do negócio. Aprendi que nestes domicílios mora algum moleque de 7 anos que ainda não descobriu a conexão da incontinência urinária com o ventilador na cara.

Nesta última semana que passou, eu aprendi uma lição valiosíssima. E você nem precisou ir pro hospital numa ambulância pra ganhar este conhecimento, eu fiz essa parte por você. Anote aí:

Caso você esteja fazendo algo embaraçoso ou complicado de explicar, verifique que nenhum acidente aconteça.

Guarde essa informação pra mais tarde, ela se fará relevante no texto.

Então, eu decidi que arrumar nosso quarto seria um bom agrado pra namorada, e pus-me à tarefa. A primeira coisa que eu faria é arrumar a cama. Note que quando você arruma a cama de um quarto bagunçado, a

bagunça subitamente parece 50% menor. É psicologicamente agradável, já que apesar de mal ter começado você fica com a impressão de que você já está com meio caminho andado.

E aqui entra aquele conselhinho que eu te dei lá atrás.

Não sei quantos aqui arrumam a cama com este método (façam o favor de se pronunciar nos comentários, pra eu não me sentir tão estranho), mas eu costumo subir na cama com uma ponta do cobertor em cada mão e em seguida agitar os braços pra cima e pra baixo, espalhando a coberta igualmente ao redor da cama. Assim não é necessário dar voltas na cama puxando aqui e ali pra tornar a cobertura da cama homogênea.

É uma maneira que eu estive usando desde criança e, assim como técnica de limpar a bunda ou bater punheta, é o tipo de coisa tão pessoal e privada que não é como se você visse outras pessoas fazendo ou houvesse debates públicos sobre a predileção da maioria a uma maneira ou outra. Então eu segui minha vida felizmente sem saber que, aparentemente, meu método de arrumar a cama é a coisa mais bizarra que boa parte das pessoas já ouviram falar. Bom, ao menos as pessoas me socorrendo naquele dia.

Subo na cama, uso minha técnica pra distribuir partes iguais de cobertor a cada canto da cama e, com ar de satisfação que apenas um trabalho bem feito traz a um homem, bato a poeira fictícia da mão e desço da cama.

Acontece que essa última parte não aconteceu exatamente como eu planejava. Eu pisei no canto da cama, mas aparentemente havia menos cama lá do que eu calculei (devo processar os fabricantes da cama? Resposta: sim). Apenas metade do meu pé direito encontrou apoio no móvel, só que eu já havia colocado todo o peso do corpo nele.

O resto aconteceu muito rápido, é até meio difícil lembrar dos detalhes exatos. Meu pé escorregou em direção ao chão de forma inesperada, e corpo se inclinou pra direita seguindo a queda do pé. O quarto inteiro pareceu rodopiar ao meu redor.

Minha cabeça e meus ombros se enfiaram na parede mais próxima, e a essa altura meu corpo já estava num ângulo de 45 graus em relação ao chão.

Com um pé ainda em cima da cama e a cabeça encostada na parede, meu corpo se tornou uma letra V maiúscula de cuecas. E finalmente minhas costas e bunda tocaram o chão, tornando o ângulo da imaginária letra V ainda mais agudo. Quando isso aconteceu, ouvi um distinto “CRACK” vindo das minhas costas.

E veio a dor. Dor completamente lacinante, do tipo que te impede de se mover. Quem já sentiu dor forte nas costas deve entender do que estou falando.

Logo de pronto, me desesperei — o barulho que ouvi logo após da queda me dava a impressão de que eu devia ter quebrado alguma coisa. Fiz um esforço titânico pra me virar de bruços, as costas protestaram mandando uma onda de dor tão potente que certamente teria esvaziado meu intestino grosso caso houvesse algo pra ser esvaziado naquele momento. Pus a me arrastar no feito um soldado americano fugindo de vietcongs, locomovendo-me a passo de lesma em direção à porta do quarto do meu irmão. Era 7 ou 8 da manhã, ele deveria estar dormindo.

Meu deus, essa dor. A dor era tão tremendamente forte que eu posso admitir sem vergonha alguma que estava quase chorando de tanta agonia. Será que quebrei alguma coisa? Estou conseguindo mover minhas pernas? O choque da queda e a dor me impediam de notar movimento nas pernas. Comecei a contemplar uma idéia aterrorizante — e se eu danifiquei minha coluna?

Putaquepariu. Seria o método mais retardado na história da humanidade de alguém perder a habilidade de andar. Já pensou eu me confinar a uma cadeira de rodas pro resto da vida por ter **CAÍDO DE UMA CAMA**? Não deve ter havido maior *self-owned* na história documentada da raça humana.

Mentalmente, comecei a fazer uma checagem por ocasiões em que eu tirei onda de deficientes físicos. Um dos participantes da minha patotinha de escola era o David, que andava capengando por causa de um acidente de bicicleta, e não lembro de jamais ter zoadado o infeliz. E até hoje nunca fiz piada com Christopher Reeves também, então minha conta kármica estava limpa. Soltei um suspiro de alívio — ou teria soltado, já que a profunda dor nas costas me impedia esses luxos respiratórios. Até o movimento do diafragma causava dor.

Agora eu consigo pensar no humor da situação, mas no momento não seria exagero dizer que eu estava completamente desesperado, sem quaisquer ressalvas. Na minha mente, eu havia fraturado a coluna, e estava fodidíssimo.

Diante da porta do quarto do meu irmão, com o nariz encostado no carpete e ofegando como uma mulher em parto, reuni as poucas forças que me restavam pra erguer o braço e esmurrar a porta dele. Puta que o pariu, mas que dor desgraçada. Parecia que um gigante invisível segurava meus braços com uma mão e minhas pernas com outra, tentando me partir em dois.

O moleque não respondeu. *“Teria o desgraçado ido pro trabalho cedo hoje”*, pensei afobado. O que diabos eu farei se estiver sozinho em casa? Esmurrei a porta de novo, berrando pro meu irmão ligar pro 911 imediatamente.

Pro meu profundo alívio, a porta de abre no meio da esmurrada, e o moleque olha pra baixo completamente confuso. Lá jazia seu irmão mais velho, se arrastando pelo chão de cuecas e a esta altura berrando de dor.

“911. Agora. AGORA! Rápido!”

“Mas que diabos?!”

“AGORACARALHOAHDDAUDIAHGILDUQHILHPELOAMORDEDEUS TÁDOENDO”

Meu irmão, ainda meio confuso, apanhou o celular e discou o número de emergência enquanto eu bufava de dor com a cara colada ao carpete do corredor. Ouvi-o descrevendo o acidente pra operadora, e respondendo as usuais perguntas (“a vítima está consciente? Está respirando? Tem problemas de coração? Está tomando medicamentos controlados? Tem alergias?”). Em seguida o moleque desligou o telefone e me avisou que a ambulância estava a caminho.

Um marmanjo dessa idade ser socorrido por um time de paramédicos por ter caído da cama já é uma humilhação sem tamanho, pensei. Por que torna-

la ainda maior trajando as cuecas de ontem — e nada além disso? Pedi pro meu irmão me apanhar calças e uma camiseta.

A camiseta foi relativamente fácil de vestir, mesmo deitado de bruços no chão. Pôr as calças, por outro lado, provou-se impossível. Qualquer movimento dos quadris resultava em dor perfurante, dor do tipo que eu não desejaria nem no meu pior inimigo. Ok, estou obviamente mentindo, mas você entende o que eu quero dizer.

A dor impedia completamente o ato de cobrir minhas vergonhas. Toquei o foda-se com toda solenidade e decidi que os paramédicos veriam minha semi-nudez em toda a sua glória. Minha esperança de manter um resquício de dignidade se foi.

Em mais ou menos 5 minutos a campainha toca e meu apartamento é invadido por uma pequena multidão de paramédicos. Tive experiência em contatar serviços de emergência na época em que eu trabalhava num tribunal federal (já assisti ao vivo um sujeito ter um ataque cardíaco e morrer no meio de um julgamento, aliás. Tentaram ressucitar o maluco com desfibrilador portátil e tudo. Fun fact: o corpo do sujeito não PULA quando é defibrilado, como nos filmes. Ao invés disso ele se contorce todo, as pernas chacoalham, as mãos se fecham), e as ambulâncias realmente **VOAM** em direção à emergência.

De bruços e com a cara colada no chão, a única coisa que eu conseguia ver eram os quatro pares de botas que haviam se reunido subitamente ao meu redor.

“Você é o Izzy?”

Desafiando a dor que já dificultava até a respiração, encontrei forças pra responder a pergunta dele. Pensei em fazer uma piadinha tipo “bom, até onde sei sou o único acidentado aqui”, mas imaginei que o cara poderia entender como hostilidade ou até mesmo como clássica filha da putice.

“Prazer, Izzy. Sou o Jeff, aqueles são o McKenzie, o Rob e o James. Tamos aqui pra te ajudar.”

Nem sem como lembro os nomes dos caras. Eis aí mais um mistério da mente humana.

“Oi, pessoal”, falei quase sussurando, com o rosto enfiado no chão.

Um dos caras, não sei qual (afinal eu nem tinha visto os rostos dos malucos) me perguntou como eu estava. Os caras pareciam bem humorados.

“Já estive melhor” falei, sem nunca afastar o nariz do carpete. Nunca estive tão próximo do meu carpete antes.

Eles riram. O sujeito à minha esquerda, que imagino que era o Jeff, depositou uma maletinha vermelha do meu lado. Enquanto ele removia alguns instrumentos dela, ele me pergunta:

“O que aconteceu aqui, Izzy?”

E contei a história da queda da cama.

“Você... caiu da cama?” perguntou o cara, incrédulo, enquanto prendia no meu braço um daqueles aparelhos de medir pressão sanguínea. Aqueles que você infla apertando uma bombinha e tal. Sei lá qual a conexão com machucar as costas e tirar a pressão sanguínea, mas ele tirou.

Ou melhor: ele MEDIU minha pressão. Ouço de familiares na profissão médica que “tirar a pressão” é uma expressão que se deve evitar; se alguém literalmente TIRASSE a sua pressão, você morreria.

“É. Eu tava arrumando a cama.”

“Quantos andares tem a sua cama?”

Eu ri, com as costas protestando a cada expiração. O cara fez a leitura da minha pressão, falou que tava normal, tirou o troço do meu braço e pôs uma luva cirúrgica. Ele começou a apertar áreas aleatórias da minha perna, perguntando se eu conseguia sentir o toque dele. Respondi afirmativamente a todos os toques.

“Bom, você não arreventou a coluna então. Mas se você está sentindo muita dor, vamos ter que te levar pro hospital pra fazer radiografias pra ter certeza do que aconteceu.”

“Ok”, respondi sem forças mas animado com a idéia de não me tornar um paraplégico.

“Você acha que conseguiria se levantar pra podermos te colocar na maca?”

“Vamos ver”.

Tentei me virar como pude mas a dor era muito forte, literalmente de tirar o fôlego. Jeff pegou meu ombro e me ajudou a completar a rotação, me deixando agora de costas no chão. Minha cara não ocultou a dor que eu sentia, e notei um outro paramédico entregando um cilindro conectado a um tubo de plástico ao Jeff.

“Izzy, isso aqui é gás do riso. Ele vai te ajudar a ignorar a dor por um tempo, pra você poder se levantar e aí a gente te coloca na maca. Certo?”

Ele me entregou o tubo. Coloquei na boca, e ele me instruiu a sugar o gás profundamente. O tubo fazia um barulho esquisito quando eu puxava o gás.

“Pode puxar com bastante força. Você vai precisar de bastante gás pra ignorar a dor por alguns segundos enquanto te colocamos de pé.”

Acenei positivamente com a cabeça, com o tubo entre os dentes. O barulho que o tubo fazia era semelhante ao de um mendigo tentando pigarrear.

“Apartamento legal” falou o Jeff, olhando ao redor do meu domicílio.

“Valeu”.

“Aqueles guitarras são suas?”

Puxei o gás mais uma vez, e depois falei com o tubo ainda na boca
“Aham.”

“Você toca bem?”

Antes que eu pudesse responder, senti uma profunda tontura. Tentei responder e a voz não saiu. Quando finalmente saiu, o som da minha voz soava extremamente estranho, não sei como explicar. sabe quando você está falando alguma coisa e arrotta no meio do discurso? E a tua voz meio que se mistura com o gás que está saindo e soa esquisita? Então, mais ou menos assim.

Eu parei no meio da palavra, e ele riu e explicou que era efeito do gás.

“Ok, vamos tentar te levantar agora” ele disse, pegando de volta o tubo do gás.

Ele me pegou pelos ombros mais uma vez e tentou me levantar. As costas doeram, eu alertei o cara através de um estridente berro, e ele me depositou no chão de novo.

“Ok, mais gás. Quando você estiver se sentindo chapado, nos avise.”

Experimentei drogas apenas uma vez na minha vida, então não tenho bons pontos de referência pra quantificar a experiência de um barato. Como eu saberia que estou chapado o bastante pra tentar me levantar? Continuei chupando o gás, e o tubinho fazendo o barulho lá.

Três minutos depois, comecei a sentir uma experiência bizarra (minha namorada riu quando contei pra ela mais tarde). Eu comecei a visualizar meu corpo como uma forma geométrica, como um cubo, porém com uma das arestas amassadas. À medida que eu chupava o gás do tubo, eu “via” o gás preenchendo o interior do cubo, e desamassando a aresta de dentro pra fora. Em outras palavras, eu estava surtando.

Eventualmente removi o tubo e falei, com a voz novamente soando esquisita, que eu podia me levantar agora. O Jeff me levantou pelos ombros, e surpreendentemente a dor havia desaparecido. Assim que ele me soltou e eu me apoiei completamente por conta própria, notei que a dor ainda estava lá.

Os paramédicos me levaram pra fora do apartamento, onde uma maca me aguardava. Meu irmão nos seguia com uma trouxa de roupas, minha carteira e meu celular. Nisso aparece a namorada, que havia voltado do trabalho às pressas. Meu irmão havia ligado pra ela durante meu bate papo com os paramédicos.

A menina me vê de cuecas sendo amarrado numa maca e se desespera. Meu irmão explica a situação, e a ouço perguntar “...*ele caiu da cama? Mas como diabos esse menino caiu da cama pra se foder desse jeito?*”

O melhor da situação era que a vizinhança inteira havia ouvido as sirenes da ambulância e visto os paramédicos correndo pra minha casa, arrastando uma maca com eles. Deitado na maca, com o tubo de gás novamente na boca, eu notei que todos os nossos vizinhos observavam este que vos fala amarrado numa maca, de cuecas, enquanto meu irmão e minha namorada debatiam em voz alta a forma como eu me acidentei.

Sensacional.

Era a minha primeira vez dentro de uma ambulância. Eu tinha uma experiência superficial com o ambiente, advinda dos filmes. Uma porrada de instrumentos médicos povoavam o interior do veículo - reconheci um desfibrilador portátil, aparelho que fui treinado a usar no trabalho. O desfibrilador estava montado numa base retrátil, que podia ser puxada pra fora pra coloca-lo mais próximo do paciente.

Havia um monte de gavetas cobrindo toda a área inteira do negócio. Pra onde eu olhava, havia uma gaveta. Jeff abriu uma dessas, e puxou um pacotinho plástico. Havia uma mera semelhança com um embrulho de doce, e lembrei-me de quando eu ia no dentista e o cara me dava um pirulito.

Jeff não tinha um pirulito pra mim. Ele rasgou a embalagem e revelou um cateter. Sua mão mergulhou na gaveta novamente, e voltou à minha vista com outro pacotinho. Ele rasgou o novo embrulho, e seu conteúdo era aquilo que é tão universalmente odiado quanto pizza de atum ou Hitler:

Uma seringa. A visão do instrumento odiável enviou calafrios à minha espinha.

Habilmente, Jeff descartou os dois pacotinhos plásticos num receptáculo marcado com o símbolo que indica dejetos hospitalares. Com a mão livre, ele depositou a seringa e o cateter num banco ao lado.

Sob a névoa do gás, perguntei “...seringa pra que?”

Jeff agora se inclinava por cima de mim, tentando alcançar uma gaveta próxima ao teto da ambulância. Ergui um pouco o pescoço e pude ver que ele estava aparentemente procurando alguma coisa entre o conteúdo da gaveta.

“O problema do gás do riso” explicou Jeff “é que o efeito dele é muito fraco, e a pessoa adquire tolerância rapidamente. Daqui a pouco o efeito sedativo dele vai passar, e suas costas vão doer mais do que estavam doendo antes. E não queremos isso, né?”

Estranhei o tom teatral dele. Imaginei que na faculdade, os caras são instruídos a manter tom informal e amigável com o paciente, pra inspirar confiança e acalmar os acidentados.

Jeff puxou alguma coisa de dentro da gaveta, e eu não consegui ver o que era por causa do ângulo. Ele fechou a gaveta e sentou-se novamente no banco. Aí ele olhou pro objeto em sua mão, se inclinou em direção a mim e o estendeu-o diante dos meus olhos. Era um vidrinho de uns quatro centímetros de comprimento, com lacre metálico em cima.

“É aí que isso aqui entra”.

“Que é isso?” perguntei curioso. Jeff não estava brincando, dava pra notar que os efeitos do gás estava realmente passando. E rápido.

“É um sedativo um pouco mais forte. Ele vai te deixar um pouco tonto e menos alerta ao mundo ao seu redor, mas eu poderia derrubar uma bigorna na sua canela e você não vai sentir nada”.

E sem perder muito tempo, Jeff removeu a proteção plástica do cateter, exibindo a parte pontuda. Ele produziu um algodão do nada e começou a desinfetar as costas da minha mão.

Eu queria protestar o uso da injeção, mas eu não sabia o que dizer. Não queria dar uma de frouxo, mas porra, eu já estava todo fodido. Tive que ser resgatado pelo 911 por ter caído da cama. Todos os meus vizinhos me viram sendo levado pro hospital de cuecas, e eles sabem o motivo. Minhas costas estavam doendo como nunca nenhuma parte do meu corpo doeu. Precisava me furar também?

“*Mas precisa mesmo?*” perguntei temeroso e tentando não transparecer minha mariquice.

“*Bom*” respondeu Jeff num tom que indicou que minha tentativa foi falha “*o efeito do gás vai passar. E quando chegarmos no hospital, você não vai poder ficar andando por lá com o tubo. Vai ter que ser intravenoso mesmo. Relaxa, nem dói*”.

Whatever, pensei enquanto ele terminava de desinfetar as costas da minha mão. Olhei pro outro lado enquanto ele enfiava o catéter na minha mão. A sensação de um objeto estranho adentrando a pele não é exatamente dolorosa, é mais é agonizante.

O paramédico em seguida afixou o catéter na minha mão com fita adesiva. Ele então meteu a seringa no vidrinho, sugou uma quantia que julgou suficiente, e deu tapinhas no vidro.

“*Ahahaha, igual nos filmes*” falei pra mim mesmo em voz alta.

“*É pra remover o ar*”, explicou o Jeff. E depois conectou a agulha com a saída do catéter, e empurrou o êmbolo.

Cinco segundos depois senti o alívio. Aliás, o alívio foi tão grande que eu tive a impressão de que iria me borrar/mijar todo se não me segurasse. Minha cabeça pendeu pro lado, e eu senti sono. Jeff apanhou o cilindro do gás e o depositou em outra gaveta. Depois descartou a seringa no mesmo lugar onde havia jogado as embalagens.

Olhei pro catéter. Apertei a pele na área onde o tubinho entrava na minha mão; era estranho sentir aquele troço embaixo da minha pele.

Notei os adesivos que o maluco usou pra firmar o cáteter no lugar. Imaginei o quão doeria pra arrancar aquela porra, que invariavelmente levaria junto todos os pelinhos da minha mão. Pra testar a aderência do negócio e ter uma idéia de quão dolorosa seria sua remoção, arranquei as beiradinhas.

“Izzy, pare de mexer no negócio!” veio a voz da namorada, que estava sentada na frente da ambulância. Eu havia até esquecido que ela estava lá.

“Como é que você está me vendo?”

Jeff apontou pra um círculo plástico afixado acima das portas traseiras da ambulância. Um círculo composto pelo que parecia várias LEDs adornava a circunferência do negócio.

“Tá vendo aquilo? É uma câmera, tem um monitorzinho lá na frente, pra eles saberem o que acontece aqui e tal”.

“Hmmm.”

“Pare de arrancar o negócio!” repetiu a namorada. Ouvi-a dizer pro motorista que eu era *“igual criança”*.

Deixei o adesivo em paz. Quando essa porra tiver que sair, pensei, foda-se. Vai com cabelo e tudo mesmo.

Poucos minutos após isso, chegamos no hospital.

A ambulância estacionou na parte traseira do hospital, um detalhe que eu só vim perceber quando os paramédicos puxaram minha maca pra fora — não dá pra ver absolutamente nada do mundo exterior quando você está deitado na traseira de uma ambulância.

Cerrei os olhos sob a claridade do ambiente exterior. Quando abri novamente, a namorada tava do meu lado, carregando minhas roupas. Os paramédicos trocaram palavras rápidas e saíram em direções opostas; o Jeff passou a empurrar a maca em direção à entrada. Imaginei que os outros caras tinham alguma papelada pra preencher em relação ao meu resgate.

A maca parou às portas de vidro do hospital. Através da mágica do sensor infravermelho passivo, elas se abriram permitindo nossa passagem.

O cheiro detestável de gente velha e doente permeava o ambiente e ofendeu minhas narinas no instante que entramos no local. O Jeff me empurrou num cantinho do corredor, e em seguida levou a namorada pro balcão, pra fazer o meu check-in ou seja lá qual o termo usado no contexto hospitalar. A namorada colocou as minhas roupas embaixo da maca, fazendo sinal de “já volto”. Ela me deu um beijo na testa e saiu.

Tentei ver onde exatamente ela colocou as tralhas, se estavam apoiadas em algum suporte na parte inferior da maca ou no chão mesmo, mas as drogas que os meus resgatadores injetaram na minha mão impedia de me mover muito, por mais que eu tentasse. Profeticamente, visualizei a namorada vindo pegar minhas roupas e deixando o iPhone cair do bolso da calça. Suspirei enquanto uma velhinha passava lentamente ao meu lado, com uma daquelas haste com uma bolsa de soro intravenoso a tiracolo.

“Eu podia estar twittando isso agora mesmo”, pensei. Imaginei como descreveria a velhinha caquética, de aparente 400 anos de idade, enquanto ela perambulava aparentemente sem rumo na ala de emergência do hospital.

Joguei o braço pro lado da maca, numa tentativa fútil de alcançar o celular que jazia embaixo da maca. Esta ficava a mais ou menos um metro de distância do chão. Não havia chance de alcançar o negócio, caso ele estivesse no chão. Desencanei da porra do celular.

Comecei a imaginar como é que eu explicaria a porra do acidente ao meu chefe, quando fosse requisitar o inevitável dia de folga pra recuperação. Nisso eu ouço a enfermeira no plantão repetir, com aquele tom na voz que deixava claro que ela acreditava não estar entendendo a história.

“Mas ele caiu da cama?”

“Sim”, era a voz da namorada. O ângulo em que me colocaram no corredor não me permitia ver a cena *“ele estava arrumando a cama e caiu. Caiu no chão. Enquanto arrumava a cama. Isso.”*, ela continuou.

Não dava pra ver a cara da namorada, mas eu consigo imaginar exatamente o semblante que ela esboçou. É tipo aquele quando você trás um sujeito novo pro grupo de amigos, e o infeliz passa a noite inteira fazendo aquelas piadas incrivelmente sem graça que provocam um clima de constrangimento que dura vários segundos.

Em outras palavras, eu imagino que naquele momento ela exibia o clássico olhar *“meu deus, que vergonha de me associar com esse retardado”*.

“Mas quantos metros de altura tem essa cama?” perguntou a enfermeira. Não consegui distinguir se ela usou tom de sarcasmo brincalhão, ou provocativo.

Ouvi uma risadinha sem graça da namorada. Alguns momentos de silêncio, e de repente a menina se materializa do meu lado.

“Já preenchi tudo pra você, já já eles te levam pro atendimento. Como você está?” ela interpelou.

“Mas que porra de pergunta ein minha filha“ falei. E em seguida, *“Já estive melhor”*, arrematei, meio arrependido da minha hostilidade. Ela notou que eu coçava a mão furiosamente.

“Pára, menino!” ela falou, puxando meu braço pra longe do catéter. E sim, eu sei que houve uma reforma na língua portuguesa e que “pára” não tem mais acento e blá blá blá por que você não vai chupar uma piroca, ein? Tou contando uma história aqui, caralho.

“Tá coçando demais essa desgraça” falei distraidamente enquanto escaneava o local *“vai demorar muito isso aqui?”*

“A enfermeira falou que já já vão te levar pro atendimento. Não deve demorar muito”

“Tou com fome. Me dá meu iPhone aí” eu disse, num total non-sequitur.

A namorada se abaixou pra pescar o celular das minhas calças. Ela se levantou com a calça nas mãos, e então eu ouvi o barulho claro de um

objeto de plástico caindo no chão e quicando algumas vezes. “Aiii...”, falou a menina.

“*Mas puta que o PARIU...*” falei baixinho. Uma enfermeira passava perto no momento, me ouviu e fez cara feia. Suspirei e cocei o cateter de novo.

A namorada se abaixou pra pegar o celular. Ela limpou a tela com a blusa, ligou-o e destravou a tela. “*Olha, ainda funciona direitim, fica com raiva não amor ^_^*”.

Minha mulé é um personagem de anime ambulante.

“*Pera que eu vou comprar uma bobagem qualquer pra você comer*“ ela disse e saiu, certamente tentando me recompensar por ter estatelado a porra do celular no chão.

Apanhei o bicho, abri o cliente de twitter e informei meus amiguinhos de que no momento eu me encontrava fodido e num hospital. A namorada apareceu logo em seguida, com um saquinho de salgadinhos aleatórios.

Poucos segundos depois, apareceu uma enfermeira com uma prancheta na mão.

“*Izzy?*”

“*Opa, é nós dona enfermeira*” foi o que eu não falei. Ao invés disso, eu disse apenas “sim”.

“*Opa, tudo bom? Sou a Tracy. Vamos lá*” foi o que ela disse, de forma alegre e meio misteriosa. Mas vamos lá ONDE, mulher?

Ela me levou pra uma ante-sala (tem hífen nessa porra? Depois dessa reforma ortográfica eu não sei mais de nada) com várias camas separadas por cortinas. Deitei-me em uma das camas, sob olhar cuidadoso da enfermeira lá. Ela fechou uma cortina ao meu redor e falou que um médico iria me atender em breve.

Nisso eu pensei naquela tal responsabilidade jornalística que eu vivo mencionando no meu site, e decidi que seria uma boa hora de imortalizar

aquele dia de merda em formato .jpg. Eis uma das imagens:



Fiquei lá sozinho com meus pensamentos e meus salgadinhos (que eram uma merda, já que você pergunta), apesar da orientação da enfermeira de que eu não deveria comer nada antes de ver o dotô. Talvez seja por isso que eu fiquei meio envergonhado quando uma segunda enfermeira veio falar comigo e esboçou claro desgosto ao me ver ignorando a orientação da outra.

“Você tem alguma alergia?” ela foi direto ao ponto, sem o usual bom humor que parece uma constante na galera da profissão médica. Não pude deixar de notar que a mulé era estonteante. O cabelo loiro dela tava preso, aquele glorioso rabo de cavalo balançando atrás dela. O jaleco dela era

modesto, mas os traços de mamas gloriosas eram claramente visíveis por baixo dele.

O que estou querendo dizer é que a mulé parecia uma enfermeira, sim, mas o tipo que estou acostumado a ver em formato Divx com uma URL do naughty-america.com no cantinho inferior direito.

Pensei tudo isso antes de responder “não, nenhuma alergia”. Ela fez uma anotação numa pranchetinha.

“*Toma algum medicamento controlado?*” porra, a mulé precisa usar esse tom de descaso? Que escrotinha. Ou estaria apenas de mal humor naquele dia específico? Jamais saberei.

“*Não, nenh...*”

“*Seu endereço é (...)?*”

“*Isso*”

“O doutor vem ver você já já” ela disse, colocando a pranchetinha numa prateleira. E se virou pra ir embora, me lembrando mais uma vez por que eu adoro a Lululemon.

Lululemon é uma grife local que faz roupas esportivas. Apesar do preço ridiculamente abusivo (calças da Lululemon custam na faixa de 150 dólares, enquanto calças idênticas porém com outros logos se encontram por menos de 30), a marca é extremamente popular aqui na cidade.

Esse é o tipo de roupa que eles vendem:



E era isso que a enfermeirinha estava trajando.

Minutos depois o médico aparece. O cara mal olhou pra mim; ele devia ter ouvido a história da cama e concluído que eu não poderia estar tão machucado assim. Ele me entregou uma cartela de Oxycontin, um poderoso analgésico, e uns papéis explicando sobre o quão perigoso o tal medicamento é, porque aparentemente vicia com muita facilidade.

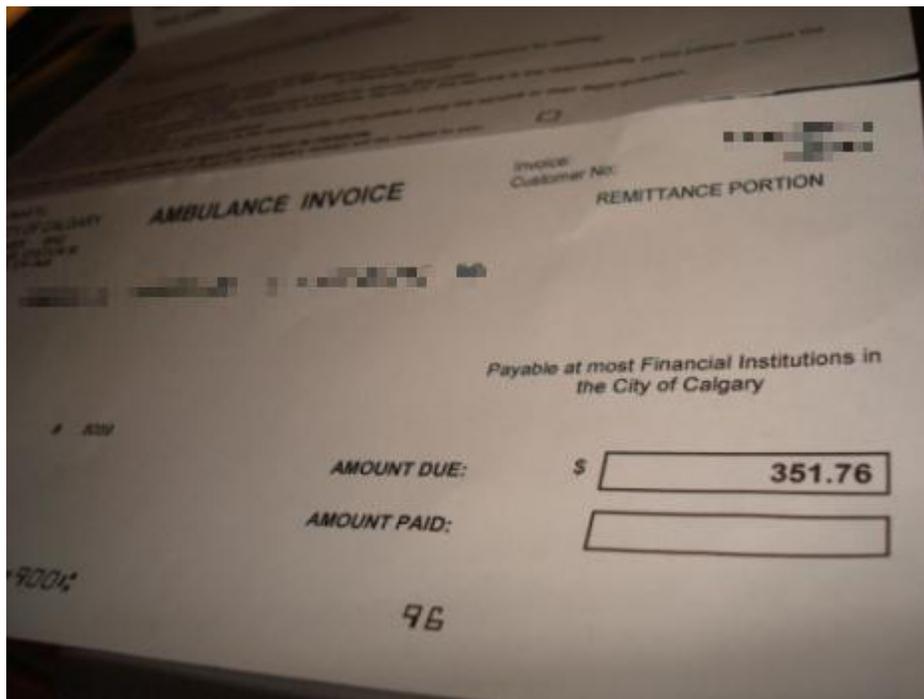
Tomei uns ali mesmo, curioso sobre o efeito do famoso remédio. Nunca fui muito de experimentar drogas, então imaginei que seria uma reação interessante.

E como foi. Ao longo dos próximos 5 dias, sempre que as costas começavam a doer mais, eu metia um comprimido na goela. Em questão de minutos, tava viajando insanamente. A reação inicial era uma de sono; eu me sentia sonolento, mas não estava realmente com vontade de dormir. Em seguida vinha um alívio fortíssimo pelo corpo inteiro, a melhor forma de descrever a sensação é dizendo que dava a impressão de que se eu não me controlasse ativamente, me mijaria, cagaria e gozaria todo se desse o menor espirro.

O Trevor, meu colega de trabalho – e como bom amigo filho da puta que é — já havia contado pra todo mundo na empresa sobre como eu me acidentei ARRUMANDO A CAMA, e jazia caído no chão de cuecas, na mais triste figura, esperando ser socorrido por paramédicos.

E sempre que algum colega de trabalho que ainda não havia ouvido a história me perguntava como eu me acidentei, eu me lembrava do conselho que dei no começo desta série — se você for se acidentiar, tente não se acidentiar de forma vergonhosa.

E pra tornar a coisa ainda mais engraçada (pra vocês), anteontem chegou a conta da ambulância. O plano de saúde federal cobre tudo, **MENOS** viagem de ambulância.



Conta de 351 dólares. Com 10 dias pra pagar.

Eu só me fodo mesmo.

Como descrevo o Brasil para os gringos

Uma das grandes vantagens de sair do Nordeste pra ir morar no exterior — além do acesso à tecnologia barata e apreciar épocas do ano em que as temperaturas não fazem os líquidos no seu globo ocular ferver — é ser exposto à mundialmente notória e surpreendentemente divertida estupidez gringa.

Já mencionei a célebre burrice norte-americana centenas de bilhões de vezes no meu site, mas quase sempre eu me referia à burrice no sentido acadêmico. Felizmente, a estupidez destes branquelos não se limita a ignorância relativa a conhecimentos gerais escolares.

Eu já fui alvo de perguntas geniais e nem um pouco imbecis como “Existem hamburguers no Brasil?”, “Você já tinha visto um carro de controle remoto antes de sair do seu país?” ou até mesmo “Vocês têm macacos de estimação, ou geralmente se contentam com uma ou duas jibóias mesmo?”.

E sinto uma dor no coração quando algum amigo canadense me faz uma pergunta dessas com o maior olhar de inocência no rosto. Tento vasculhar o semblante do sujeito por traços de arrogância ou até mesmo sarcasmo, já que essas características são geralmente encontradas em piadas mal-intencionadas, mas pra minha (antiga) surpresa, a molecada realmente achava que o Brasil ficava na Europa e que nosso presidente era também capitão da seleção nacional de futebol. As perguntas eram genuínas, por mais incrível que parecesse.

E por isso eu me sentia super mal em destruir suas fantasias de um Brasil retrógrado e absolutamente fodido. Como explicar pra um canadense que sim, nós temos TVs no Brasil, ou que não, não moramos em casas feitas com papelão e barro? Que o Brasil é uma das maiores economias do mundo e tudo mais?

É praticamente como admitir pro seu filho de 8 anos que Papai Noel foi preso na véspera do Natal por acusações de pedofilia — pode até ser verdade, mas todo mundo ficará mais feliz se seu mundinho de fantasia for mantido graças a uma mentirinha de bom coração.

Por isso eu teci estas amáveis lorotas sobre nossa Pátria amada salve salve, pra manter a ilusão gringa sobre este lugar misterioso que é o Brasil.

1) A moeda oficial brasileira é o olho de baiacu, de preferência fresco. A moeda antiga, pequenos pacotes de papelao contendo aproximadamente cinquenta gramas de arroz, foi abolida na Revolução Popular de 1997, que pôs no poder o primeiro presidente que não alcançou o cargo através do uso de Magia Negra.

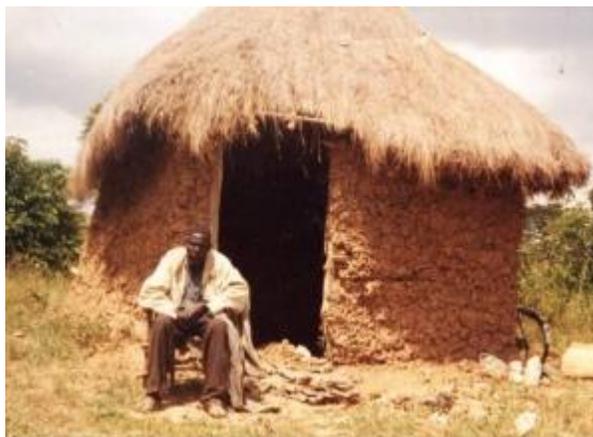


Fig1: O brasileiro em seu habitat natural

2) Não, não temos televisores no Brasil. As tecnologias necessárias para a construção do aparelho (como as substâncias adesivas que fixam decalques plásticos que dizem “Panasonic” ao painel da TV) ainda não existem no nosso país, infelizmente.

No entanto, temos macacos que entram nas nossas casas e desenham figuras festivas nas nossas paredes quando deixamos as janelas abertas. Modelos mais avançados desses símios conseguem desenhar quase três frames por minuto, o que dá uma breve ilusão de movimento caso você tenha esquecido de tomar seus medicamentos neste dia em particular.

3) Antes da chegada da Internet (e por extensão, Google, Wikipédia e derivados) ao solo brasileiro no mês passado, tínhamos um funcionário do governo que ia à praça na frente da igreja nos sábados para distribuir cópias em preto e branco de uma Playboy de 1976 e responder breves dúvidas sobre geografia.

4) A versão brasileira do que os países civilizados chamam de “processo jurídico” resume-se a ir à casa do seu oponente armado de talismãs e ramos de arruda e invocar entidades sobrenaturais que se encarregarão de causar diarreia ininterrupta no seu desafeto até que ele concorde em devolver os 500 olhos de baiacu que ele pegou emprestado mês passado, e com “pegar emprestado” eu quero realmente dizer “tirou da sua sacola após entrar na sua casa por meio de um trator pela parede”).

5) Nossos principais produtos de exportação são açúcar, futebol, carnaval e Doença de Chagas — uma assustadora moléstia tropical que faz seu coração explodir. Os métodos de prevenção mais populares incluem a) não morar no Brasil, b) mudar-se do país o mais rápido possível.

6) Produtos usados antes do advento da pasta de dente em 1998 incluem manteiga caseira, água sanitária e, mais frequentemente, nada.



Fig2: Dois companheiros de trabalho no trânsito

7) O maior atentado terrorista em solo nacional aconteceu em julho de 2003, e o alvo foi o prédio do Ministério de Telecomunicações em Buenos

Aires.

Um sujeito identificado como “seu José da Esquina” invadiu o casebre onde se localiza o Ministério e destruiu todos os tambores, impossibilitando comunicações com o vilarejo vizinho por quase trinta minutos até decidir-se que ir até lá andando com a mensagem em mãos era menos demorado que a tradução das batidas dos tambores.

José foi preso e flagrante e em seguida recebeu uma condecoração do Presidente pelos seu papel no avanço da telecomunicações.

8) A temperatura mais baixa registrada no país em seus quatro anos de uso do Sistema Internacional foi 35 graus Celsius. O frio era tão perceptível que boa parte da população usou camisetas nesse dia.

Partidas de futebol foram interrompidas e escolas de samba mandaram os alunos pra casa mais cedo. No dia seguinte, uma onda de calor extremo matou 30% da população brasileira. O número é apenas uma aproximação; a contabilização do número exato de vítimas se tornou difícil uma vez que boa parte dos corpos entrou em calefação ao cair no asfalto quente.

O filho do presidente havia emprestado a Calculadora Nacional pra um amigo da escola, o que dificultou ainda mais a contagem.

9) Em 1999, projetos sociais orquestrados por Sílvio Santos (um milionário que comprou o Brasil de Portugal na década de 70) geraram uma onda de melhorias atingiu o Brasil como uma bola de pé esquerdo no cantinho do gol: o salário mínimo foi elevado ao equivalente a 4 dólares por mês; “chutar cachorros nos domingos”, um costume nacional centenário, deixou de ser uma prática socialmente aceitável; o país importou quatro novas ambulâncias, o que não apenas elevou a frota nacional a quatro ambulâncias, mas também mudou o Brasil do segundo pro quinto lugar na lista de países com pior sistema de saúde no planeta.



Fig3: São Paulo, a capital do Brasil

10) A inserção de tijolos no útero, o método anticoncepcional recomendado pelo governo até pouco tempo, foi recentemente abolido. Postos de saúde agora distribuem grampeadores e ampolas com álcool.

11) O primeiro censo nacional (realizado pouco tempo após a adoção do sistema decimal em 1989) revelou que os sonhos de consumo dos brasileiros incluem fogões, meio quilo de cimento, e água filtrada.

12) O processo eleitoral brasileiro não envolve votações populares. Ao invés disso, os candidatos devem passar por uma bateria de testes físicos que envolvem levantamento de vacas, aragem com obstáculos, e recitar a tabuada do 7 de trás pra frente.

Os finalistas então vão em debate público (que será tamborilado para todos os vilarejos próximos) em que cada candidato tentará, com suas próprias palavras, convencer os habitantes da aldeia que ele é de fato filho do deus Sol e que portanto deverá governar.

O debate deverá durar oito dias; ao fim deles, o candidato que ainda quiser o cargo e/ou ainda estiver falando no palanque será coroado como Rei do Brasil. Caso todos os candidatos se matem na inevitável briga de foices que costuma acontecer nos primeiros dois minutos do debate, o espectador mais parecido com o último candidato a morrer é coroado.



Fig4: um popular shopping brasileiro

13) O sistema penal brasileiro é considerado por especialistas mundiais como o mais avançado da América Latina. Tomem isso como exemplo - no mês passado um notório molestador de crianças foi sentenciado à pior pena dada a esse tipo de crime na Constituição Brasileira - 30 chicotadas em praça pública. Em países menos desenvolvidos como a Argentina, a pena teria sido no máximo 15 chicotadas.

14) O PIB nacional triplicou este ano, quando um rapaz de Quixadá-CE finalmente conseguiu um sinal telefônico, se cadastrou no eBay e vendeu uma calça velha que ele havia encontrado flutuando no córrego atrás de sua cabana.

Por algum motivo, após recitar alguns desses itens a antiga vontade de visitar o Brasil parece abandonar meus amigos.

O dia em que quase morri esquiando

Eu cursei o colegial aqui no Canadá, né. Uma vez, por causa do meu desempenho “fenomenal” na escola (ou seja, levemente melhor do que o daquela cambada de gringo meio retardado), eu ganhei uma viagem de esqui. A primeira da minha vida, aliás.

“*Que escola legal*“, vocês devem estar pensando. E é mesmo. A cada dois meses, a diretoria premiava os vinte melhores alunos da escola com uma viagem pra algum lugar legal. Como sou aparentemente o único no prédio que sabe fazer de cabeça contas de adição de números de dois dígitos, é uma concorrência um tanto quando injusta pros canadenses.

No bimestre passado, fomos ao Playdium, um arcade imenso que fica em Mississauga, Ontario. Jogos, comida, viagem até lá e de volta, tudo de grátis. Brinquei num simulador de vôo com três telas de cristal líquido e mais botões que o avião de verdade por quase uma hora. Enchi a barriga de batata frita como se não comesse frituras há anos. Tirei muitas fotos pra escrever um post sobre o acontecido e fazer inveja aos coitados que gastam dinheiro jogando King of Fighters em arcades mais velhos que a tia da minha avó, mas não encontro mais as fotos.

Então, a viagem pro chalé, o SkyLoft. Antes de nos dar os passes pro troço, a coordenação da escola nos fez assinar um longuíssimo termo de compromisso:

Entendo os riscos que os esportes de neve significam. Assumo total responsabilidade sobre qualquer calamidade que me possa ocorrer, citadas abaixo mas não limitadas a:- Fraturas nos braços, pernas, dedos, crânio ou qualquer outra estrutura óssea;- Perda de dentes;

- Deslocamento, torções, rompimento de ligamentos ou tecidos musculares;

- Frostbite

- Cortes e conseqüente perda de sangue;
- Queda dos lifts e todas as lesões que isso implica;
- Ataques de velociraptors;
- Esmagamento por geladeiras que porventura caiam sobre você (um risco constante);
- Colisão com aviões;
- Ser atacado por um velociraptor enquanto uma geladeira cai em você;
- Etc.

E um espaço embaixo pra assinar. Cada item lido diminuía a vontade de participar do negócio. Os caras queriam deixar **BEM** claro que se você se fodesse lá em cima, não era culpa de ninguém a não ser de você mesmo.

“Bom, é de graça mesmo!” pensei, pondo em prática tudo que aprendi nesses anos sendo brasileiro. Se há uma coisa que não se rejeita, é algo que não custa nada. Ignorando-se obviamente o fato de que esse algo pode provocar um acidente doloroso que ceifará sua vida ao mesmo tempo que você berra desesperado em arrependimento por ter assinado o tal termo de compromisso.

Mas é de graça.

Assinei o papel e entreguei de volta pra secretária.

“Ô, você esqueceu de preencher o espaço do seu cartão de saúde.”

“Hm, eu não tenho cartão de saúde.”

Ela olhou pra minha cara como se eu tivesse dito algo absurdo, como “sou fã dos Los Hermanos”.

“E você quer ir... assim mesmo?”

Aquilo não me inspirou muita confiança.

“Hmm... pra falar a verdade tou meio em dúvida.”

“Eu também estaria, se fosse você. Afinal, às vezes...”

“O almoço lá vai ser de graça, né?”

“É, mas...”

“Toma o formulário. Vou sim.”

E fui pro ônibus da escola.

Isso aqui vale uma ressalva revoltada. Seja lá quem foi que projetou ônibus escolares, essa pessoa não devia ter pernas, ou nunca viu seres humanos que tivessem tais membros. O espaço entre as fileiras do ônibus escolar (não sei se todos são assim, você que já andou num ônibus escolar diferente se dê por sortudo) era menor que a distância entre meu dedo indicador e médio. Minhas pernas estavam presas entre o meu assento e o da frente, fazendo com que meus joelhos quase encostassem meu queixo. Se alguém me visse de perfil, poderia me confundir com um N maiúsculo. Me segurei nessa torturante posição até chegarmos no chalé.

A viagem até o lugar me fez pensar nos riscos que eu estava prestes a correr. Se eu seria exposto a velocidades e impactos que estraçalham ossos, quebram dentes e rompem músculos, como eu protegeria o palm pilot e o mp3, meus fiéis seguidores que me acompanham pra todos os lugares? Cocei meu queixo com o joelho, pensativo. Quem se preocupa em fratura exposta múltipla ou rompimento transversal quando ossos e músculos têm um sistema de auto-reparo?! Se eu cair de bunda em cima do meu mp3 player, comé que fica? Quem vai me dar um novo? Diante dessa real preocupação, comecei a pensar direito no que eu havia me metido.

Aí me lembrei do que a patroa tinha feito com a bolsa no dia do show do Slipknot. Quando entramos no chalé, peguei minhas bugigangas tecnológicas (que somam um valor de mais de R\$ 600), botei dentro da

mochila e simplesmente larguei-a num cantinho do chalé, perto de um banco. Agora era a hora de provar a índole desses canadenses.

Fui ao lugarzinho onde os funcionários do local nos entregam o equipamento que estaria preso nos nossos pés enquanto caíamos colina abaixo. Havia duas opções: snowboard e esquis. Como todos me falavam que esquis eram mais fáceis de controlar que snowboard (nota: **MENTIRA DO CARALHO**), optei pelos esquis. Ao me entregar o equipamento, o funcionário do SkyLoft me entregou também o um pequeno formulário que tem como utilidade tranquilizar e inspirar confiança em brasileiros que mal se acostumaram com neve e nunca puseram esquis na vida.

Em outras palavras, o formulário pedia que eu reconhecesse que esquiar envolve risco de acidentes sérios (às vezes fatais), e que eu simplesmente tenho que aceitar este fato. Eles chamam isso de “waiver”, que em língua de gringo significa “nem pense em querer processar a gente depois”.

Prendi a porra toda nos pés e caminhei desajeitadamente em direção às colinas, onde um instrutor aguardava os menos entrosados com as atividades de inverno.

Eu e mais uns seis carinhas recebemos todas as noções básicas do esporte que deu pra enfiar numa micro-aula de trinta minutos (o que significou que alguns voltaram pra casa sem saber dar saltos mortais triplos). Não que fizesse muita diferença, e todos sabem disso: a única coisa que alguém que está descendo uma montanha com esquis precisa saber é diminuir a velocidade sem que isso envolva uma colisão de frente com uma árvore, uma lata de lixo ou outro esquiador - o que causaria danos a árvores, latas de lixo ou outras pessoas.

Portanto aqueles trinta minutos não realmente ensinavam nada de muito importante, era apenas um *”tentem não se matar no caminho”* disfarçado de aula. Então a única coisa que realmente aprendemos nessa “aula” foi como reduzir a velocidade (reduzir a velocidade, e não parar. Iniciante no esqui só pára quando encontra uma árvore, uma lata de lixo ou outro esquiador).

Então, pra diminuir a velocidade, nos ensinaram uma técnica chamada snowplow (leia-se “isnou-pláu”). Essa complexa e revolucionária técnica

consiste em cruzar as pontas frontais dos esquis, transformando o que era outrora um feixe paralelo de tábuas de fibra de vidro em duas linhas concorrentes que reduzirão sua aerodinâmica de neve. Sua nevedinâmica.

Bem, eu sou iniciante no mundo do esqui, mas não sou um leigo completo. Quando criança, joguei muito aquele joguinho de esqui do Windows, o clássico Skifree, que era uma fonte inesgotável de conhecimento esportivo e animações composta de três pixels e duas cores que se você espremesse os olhos pareciam vagamente com esquiadores. Se esse jogo me ensinou uma coisa, é que devemos desviar de árvores, linhas coloridas no chão fazem você saltar trinta metros no ar, e que o monstro acinzentado que come esquiadores no fim da montanha é invencível.

Lembro que passei grande parte da minha infância tentando descobrir o que diabos era aquele monstro pixelado. Quando eu não estava tentando desvendar a que espécie ele pertencia, estava pensando numa forma de escapar de suas temíveis garras. Obviamente, eu não teria passado anos bolando uma estratégia de fuga se o primo do amigo do vizinho não tivesse dito que um cara da escola dele conseguiu escapar do monstro...

Então, apoiado pelos meus conhecimentos no esporte — duas varetas de metal que em diversas ocasiões foram a única ajuda contra a força da gravidade —, me senti preparado pra enfrentar a primeira montanha.

Lá estava eu, tendo recebido minha aulinha de (menos de) trinta minutos sobre não me arrebentar em árvores e outros esquiadores. Para um canadense, talvez fosse suficiente; de fato, meus amigos gringos esperavam impacientes pelo fim da aulinha para poder descer a montanha de costas e dando saltos mortais, essas coisas que canadenses fazem quando não estão jogando hockey do dois ou cortando triângulo em feltro. Enquanto isso, eu dava passos desengonçados, me equilibrando precariamente com meus novos pés de um metro e meio de metal colorido.

O instrutor finalizou a aula, convencido de que já estávamos preparados para enfrentar as descidas congeladas sem quebrar algo importante como o pescoço ou, Deus o livre, o equipamento cedido pelo SkyLoft, o que causaria ao usuário um prejuízo no valor equivalente ao número de ossos que ele estralhariaria na queda provocada pelo defeito nos esquis.

Os mais familiarizados, ou seja, aqueles que não precisaram de ajuda pra pôr os snowboards ou se manterem em pé com eles, desceram a montanha assim que receberam permissão, gritando e fazendo brincadeiras uns com os outros. Morreu neste exato momento aquele velho lugar-comum de que gringos são frios e apáticos; poucas vezes na vida vi gente tão animada pra descer em alta velocidade um declive cujo atrito é nulo, tendo os pés firmemente presos a tábuas de madeira/alumínio.

Após a descida dos canadenses, avaliei a situação. Lá estava eu, com esquis nos pés e recém-superficialmente-instruído nas noções básicas de um esporte em que uma falha não significa perder o gol ou fazer tesoura quando o oponente faz pedra, mas quebrar o pescoço em três pontos ou até mesmo perder os esquis alugados. Respirei fundo e caminhei desajeitadamente até a beirada das montanhas, decidindo cuidadosamente em qual delas eu esquiaria (substitua a palavra "esquiaria" por "*cairia de forma humilhante na frente da geral, levantando-me em seguida e alegando não ter doído, a despeito do fato de que meu antebraço está fazendo um ângulo de 90 graus.* ").

As trilhas são separadas em grupos de cores (a primeira escolha era enumerar as trilhas, mas os canadenses não são lá apaixonados por números, então recorreram à alternativa colorida, conhecida em outras freguesias como "Solução Jardim-De-Infância"). Há trilhas verdes, azuis e pretas. Verdes são aquelas a qual enviam aquelas pessoas que estão aprendendo a fixar os esquis nos pés e que não têm planos de saúde, como é o meu caso. As azuis são as trilhas intermediárias, ou trilhas "*sei esquiar mas o seguro morreu de velho*". As pretas são o destino de esquiadores olímpicos, pessoas que despertaram da Matrix e agora dominam a lei da gravidade ou daqueles com seguros de vida cujas cláusulas tiveram que ser calculadas em algum outro país, pois a cifra bate a casa das centenas de milhar e os canadenses ainda estão terminando a tabuada de dois.

Diante as opções, julguei-me pertencente a uma trilha verde e pus-me a caminho da mais próxima.

Aí entrou em cena aquele cara lá de cima que não gosta muito de mim.

Coincidentemente (ou *"muitíssimo infelizmente"*), alguém colocou uma imensa lata de lixo VERDE na entrada de uma trilha PRETA. Isso, aliado ao fato de que as plaquinhas que indicavam as cores das trilhas tinham aproximadamente o tamanho de um ícone num desktop cuja resolução é 1280 x 1024, provocou a maior descarga de adrenalina que senti na vida desde o dia em que dormi na casa da patroa escondido e a mãe dela voltou de manhã cedo antes do previsto.

Posicionei-me na frente da trilha "verde". Olhei pra baixo. *"Esses canadenses devem ser muito fudas mesmo"*, pensei, *"porque a parede lá de casa é menos íngreme que essa porra de montanha, entretanto é essa que os iniciantes descem"*.

Deus deve ter rido enquanto eu dava uma última olhada pra baixo. Dava pra ver alguns dos meus amigos lá embaixo, a mais ou menos dois quilômetros de distância. Usando o pensamento patenteado de quem está prestes a se aventurar a algo que escapa totalmente de suas habilidades mas ainda assim procura se reassegurar que vai conseguir, conclui que *"se os canadenses conseguem, eu consigo também"*.

Usando os *poles*, umas hastes de metal que dão pra gente cujo nome em português desconheço, me impulsionei em direção à beirada. Lembrei do palm pilot e do mp3 player que eu havia deixado no saguão do SkyLoft, e decidi que tinha sido uma melhor idéia deixa-los à mercê da índole canadense que à minha (falta de) habilidade como esquiador.

Após muita procrastinação, reuni os últimos resquícios de coragem que a altura da montanha não afugentou e me lancei em direção ao meu destino.

No começo tudo tava indo muito bem, como todas as coisas sempre vão até que você perceba que na verdade foi uma péssima idéia. Os esquis estavam estáveis (argh, isso soou horrível), a brisa fria batia no rosto e no cabelo, tudo uma beleza.

Isso foi um pouco antes das coisas começaram a ficar azedas. Em pouco tempo, eu aprenderia uma lição muito importante no esqui, algo que eles não incluíram naquela aulinha: a velocidade que você atinge naquela porra é diretamente proporcional a dificuldade de diminui-la.

A cada segundo eu ficava mais rápido e menos capaz de fazer o tal “snowplow”, o movimento redentor que salvaria meus órgãos internos de serem trespassados por fragmentos ósseos resultados de uma fratura múltipla exposta. Não demorou nada para que eu começasse a ultrapassar o pessoal que tinha saído bem antes de mim. Estes, mais cuidadosos — talvez por saber que aquilo não era colina verde porra nenhuma —, não largavam o *snowplow*. Eu, que seria igualmente cuidadoso caso tivesse consciência do que tinha me metido, descia descaralhadamente.

Então ligou-se na minha cabeça aquele alarme que sempre dispara quando percebemos que perdemos nossa carteira ou quando você está assistindo um filme pornô na sala e se dá conta de que alguém chegou em casa há pelo menos 10 minutos atrás. ”*Me fodi*“, gritava a voz na minha cabeça. Meu coração batia desesperado. Os *poles* nas minhas mãos eram totalmente inúteis agora, não dá pra usá-los pra parar quando você está indo mais rápido que uma Ferrari com gasolina aditivada descendo uma ladeira.

Eu estava ultrapassando todo mundo a uma velocidade estonteante, usando cada um de meus neurônios que venho desenvolvendo após quase duas décadas me equilibrando em duas pernas na árdua tarefa de não cair. Cada vez que eu me aproximava de alguém, batia o desespero. Desviar de esquiadores mais lentos quanto você está descendo a uns cinquenta quilômetros por hora (não é exagero) não é algo que se deve fazer se o seu objetivo é permanecer em pé. Miraculosamente, eu consegui curvar os esquis e passar muito rente a duas meninas que se aventuraram na perigosa decida. Foi tão rápido por elas que a impressão que tive é que elas estavam paradas.

Aí a situação ficou pior.

Há dois tipos de neve, *powder snow* e *packing snow*. A primeira é a neve recém caída, ainda fofinha, não tocada por esquis ou snowboards. Essa é a neve ideal para novatos porque, além de mais macia, ela causa mais atrito, que é aquela coisa que impede você de sair voando colina abaixo mais rápido que a supracitada Ferrari com gasolina aditivada. Já a segunda é aquele tipo de neve porcaria que sobra após as Olimpíadas de Inverno. Vítima da pressão que os corpos gordos dos esquiadores promovem, a neve

derrete. O clima ártico da montanha acaba por congelar a água novamente. Porém, ao invés de flocos, temos agora longas camadas de gelo.

E gelo, como todos sabemos, não causa atrito **NENHUM**.

Então, como se eu já não estivesse indo rápido o bastante após ter quase colidido com as duas meninas, o gelo me arremessou pra frente com mais velocidade ainda. Nem que Jesus Cristo pilotando um X-Wing poderia mais me alcançar. O gelo fica todo arrebitado por causa das prévias esquiadas, então passar por ele foi o equivalente a andar de patins num ralador de queijo. As imperfeições no gelo fizeram os esquis chacoalhar assustadoramente, e num momento tive a impressão de que eles estavam indo em direções opostas. Uma simulação mental me deu a conclusão de que, se os esquis se afastassem mais ainda, eu acabaria sendo rasgado ao meio. Fiz um esforço hercúleo e trouxe-os de volta à forma paralela.

Um pouco à frente estavam meus amigos da escola. Este ponto era o mais rápido de toda a trilha. Como eu estava indo durante todo o trajeto “em paralelas”, ou seja, sem cruzar os esquis, eu estava indo pelo menos umas três vezes mais rápido do que todo o resto da galera. Vi-os tornarem-se cada vez mais próximos. Os miseráveis estavam indo mais ou menos na mesma velocidade, formando uma espécie de fila lateral bloqueando cada centímetro esquiável da trilha. Pra mim, é como se eles estivessem parados no meio da porra da trilha. Uma parede de canadenses esperando para que um brasileiro se arremessasse nela.

O despertar de estar se movimentando àquela velocidade logo atrás de um monte de gente que sequer sabia que eu estava ali foi inigualável. Qualquer um que já desceu de patins ou skate uma ladeira muito íngreme e comprida e percebeu que havia alguém atravessando a rua lá na frente sabe do que estou falando. Sabendo que ia cair de qualquer jeito e que nada poderia ser mais embaraçoso (e doloroso), comecei a berrar desesperadamente. Sim, berrar.



Os canadenses ouviram meus gritos e perceberam o que ia acontecer. A coisa toda não durou mais que três segundos, mas pareceu uma eternidade.

Ao mesmo tempo em que eu movia-me como um bólido montanha abaixo, os coitados se movimentaram num esforço um tanto quanto cômico pra sair da frente. Alguns mantiveram a calma e aplicaram seus conhecimentos no esporte para fazer uma graciosa curva pra direita e abrir o caminho, outros simplesmente jogaram-se de peito na neve.



Depois de momentos de puro terror, a trilha chegou à área plana. Eu simplesmente não conseguia acreditar que havia descido aquela montanha **sem cair**. A adrenalina foi sendo consumida aos poucos, mas eu ainda sentia os efeitos do susto. Andei em direção aos

teleféricos que levavam os esquiadores de volta ao topo da montanha, fazendo um lembrete mental de trocar de cuecas quando chegasse em casa. Ao chegar no topo da montanha, decidi enfrentá-la de novo. E de novo. E de novo. E me diverti pra caralho.

Por algum motivo, ter chegado ao fim da colina são e salvo me deu toda a coragem que eu precisava pra encarar o negócio novamente.

A primeira descida foi a única em que não caí. Ironicamente, foi também a em que atingi maior velocidade. Em todas as outras tentativas, acabei de cara na neve — o que confirmou uma teoria e aniquilou outra.

Costumamos pensar que praticantes de esportes em países frios não se machucam tanto quanto nossos esportistas conterrâneos porque a neve não é tão dura quanto, digamos, asfalto ou uma bala perdida. Se trata de um ledão engano. Há dor em quedas na neve, e dores bem dolorosas eu vos digo.

Fui acampar recentemente numa cidadezinha chamada Parry Sound com amigos e minha mulher. Acabei com um puta hematoma na coxa, e não foi sequer por causa de queda em alta velocidade.

Eu estava descendo uma colininha de nada num trenó e o troço levantou vôo numa pequena rampa. A queda, que não foi de mais que meio metro, me custou uma enorme mancha roxa na perna (que até assustou minha namorada, de tão grave que parecia), e três dias mancando.

E isso é apenas uma dos fatores que tornam seu agradável dia esquiando não tão agradável assim. Quando você cai em alta velocidade e sai rolando, seus braços e pernas às vezes dobram em ângulos impróprios para o bom funcionamento de uma articulação. Isso sem contar nos esquis que estão presos aos seus pés, que são mais um fator a ser considerado. Descobri que um corpo que cai na neve desenvolve um misterioso magnetismo; isso pôde ser comprovado pela estranha atração que sua cabeça exerceu sobre meus esquis todas as vezes em que caí. Sempre que eu caía, a impressão era de que eu estava me espancando com dois pedaços de metal. E eu batia forte, preferencialmente na cabeça.

Mas eu não fui o único a me acidentar. Aliás, em retrospecto, eu fui o mais sortudo. Uma colega quebrou o braço nessa mesma viagem, e outro quebrou o tornozelo. Apesar das quedas, todos os meus ossos voltaram pra casa no mesmo formato.

O palm e o mp3 player estavam intactos, também.

As Patricinhas Intercambistas

Como você já sabe, eu moro no Canadá. Nos primeiros três anos aqui eu morei numa cidadezinha chamada Oshawa, que fica próxima a Toronto. Você talvez pense que Toronto é a capital do Canadá, aliás – não é. A capital é Ottawa.

Uma das desvantagens de morar em cidade pequena no exterior é que você acaba não conhecendo nenhum brasileiro. Quer dizer, na época eu via isso como desvantagem; hoje percebo que talvez não teria aprendido inglês tão bem – ou me adaptado à cultura gringa – se tivesse feito o que tantos imigrantes fazem quando vem pra cá: se isolado em círculos de brasileiros.

O único contato que eu tinha com brasileiros era através de intercambistas, que geralmente são enviados para cidades pequenas justamente por esse motivo.

E intercambistas geralmente são meio filho da puta. Filhos das putas? Não sei qual o plural disso. São escrotos, pronto.

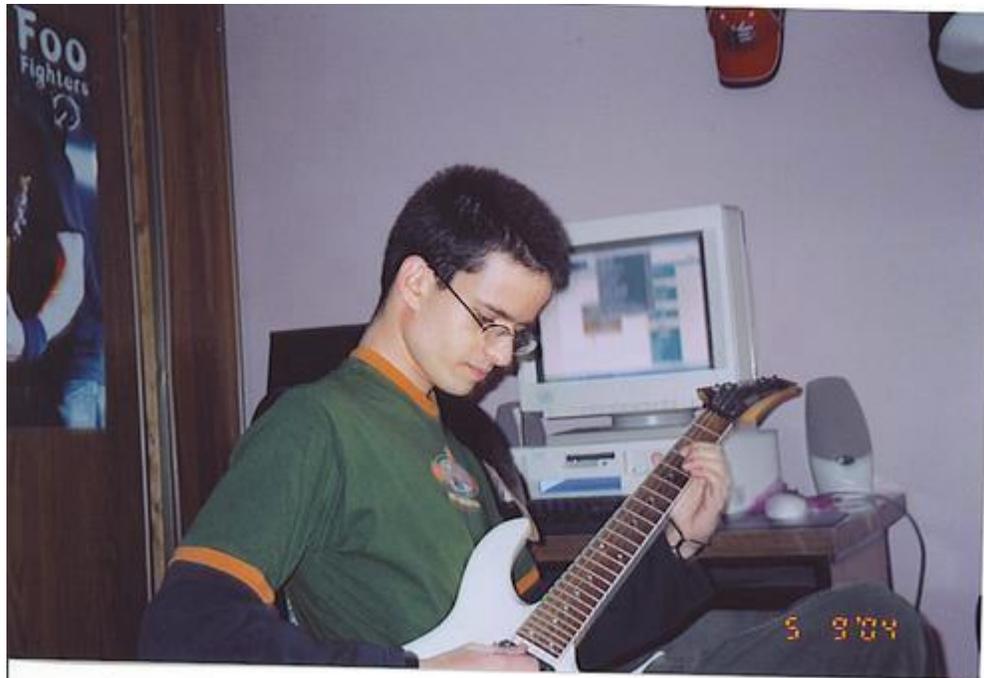
Em 2005 tive um encontro com três intercambistas que vieram a solidificar essa minha opinião negativa dos estudantes internacionais.

E o que aconteceu naquele dia? Foi o seguinte.

Aquela era uma época em que eu ainda acalentava a esperança de fazer amizades tupiniquins. A distância da terra natal e a inexistência de uma forma de interagir diariamente com compatriotas (oi twitter) me tornava sedento de contatos brasileiros. E por isso eu vasculhava o orkut – hahahah, mas que desgraça ter que depender daquilo pra fazer amizades — pra encontrar outros brasileiros perdidos por aqui.

Não lembro exatamente COMO encontrei as tais intercambistas; se não me falha a memória uma delas lia HBD, e fui “apresentado” às outras pelo orkut. Uma delas morava em minha cidade, as outras, em cidades vizinhas.

Para não escrotizar TANTO, me referirei à ela como M. E não se assanhem tanto; a M, como todo ser humano que passa uma temporada num país frio, tinha ganhado consideráveis quilinhos na época que a conheci.



(Assim como eu fui de raquíticos 56kg aos lamentáveis 88kg que peso atualmente. Sim, eu era magricelo total.)

A M, se a memória me serve bem, era a que conhecia meu site — o primo do vizinho da amiga da escola havia mencionado o HBD alguma vez, ou algo assim. Ela me adicionou no orkut, revelou que morava na mesma roça canadense que eu.

Quando digo “roça canadense”, não é uma expressão exagerada pra efeito cômico. Pra você ter uma idéia do abandono, eis uma foto da avenida mais movimentada do centro da cidade.



Daí tu tira a desgraça interiorana que era aquela cidade. Sendo uma cidade pequena, não havia nenhum núcleo brasileiro.

Conhecer a M foi emocionante porque até então eu não tinha nenhum amigo brasileiro em Oshawa; sendo uma cidade pequena, eu imaginava que seria uma propabilidade baixíssima esbarrar com outro brasileiro por lá.

Convidei-a pra alguns eventos sociais na minha casa, e como todo bom intercambista ela se isolou num canto e não falou com ninguém (tinha “vergonha” de falar inglês aparentemente). Apareceu então a V, uma amiga brasileira dela de Toronto que ela havia convidado pra comparecer a uma das festinhas. Nisso elas puderam se isolar juntas num cantinho da casa, conversando em português a noite inteira e não fazendo o menor esforço em se integrar ao grupo.

(A V não era intercambista, ela era imigrante mesmo. Ou seja, ela tem menos desculpa pra esse tipo de comportamento)

Achei uma incrível CUZICE o fato de que eu convidei a infeliz pra interagir num evento social com gringos (algo que deveria ser o objetivo de um intercâmbio) e a mulher se limitou a sentar no sofá muda, respondendo monossilabicamente as perguntas que faziam a ela. Porra, ela me reclamava que não tinha muitas oportunidades pra desenvolver um grupinho de

amigos gringos, e quando dou essa chance pra ela, a mulé me faz essa desfeita?

Mas tudo bem. Imaginei que ela apenas estava meio tímida naquele dia, por se ver rodeada de um imenso grupo de amigos que se conheciam bem entre si. É fácil se sentir intimidado quando é o estranho do grupo. Dei um descontinho.

Em subseqüentes conversas com a menina me revelaram o que pouco a pouco foi cimentando minha opinião sobre intercambistas até hoje. Como quase todos os outros intercambistas, M era a típica filha da burguesia - uma turma geralmente nascida em berço de ouro (senão ao menos prata), filha de pais abastados. Afinal, não fosse o *paitrocínio*, ela provavelmente nunca teria pisado no Canadá.

Duas coisas são características clássicas do tipo de gente cujos pais com condições financeiras acima da média. A primeira é que eles não estão exatamente acostumados a se adaptar ao ambiente; a graninha dos pais é geralmente empregada pra adaptar o meio a elas. E a segunda é uma derivada da primeira - por causa dessa vida “maleável”, filhos de pais endinheirados não sabem se acostumar a desafios, e eles levam a vida achando que ela os deve alguma coisa.

Eu suspeito que é daí que vem esse papinho cara-de-bunda que tu já deve ter ouvido de muitos amigos que fizeram intercâmbio — “os gringos são muito frios, cara!”. Acostumada à popularidade e a bajulação, essa turma não sabe como reagir quando não são o centro de afeição do seu grupo social. E nisso o intercambista fica inerte, sem tomar iniciativa, reclamando sempre que “ninguém fala com ele”, achando que os gringos deveriam o dar atenção redobrada pelo fato de que ele é especial, é estrangeiro.

(A grande ironia é que o Canadá é um dos países com mais imigrantes no MUNDO; gente de outra nacionalidade aqui é lugar-comum.)

Além disso, há outro detalhe — intercambistas não estão aqui pra ficar. Portanto, se adaptar à atmosfera e à fauna social canadense não é exatamente uma prioridade alta pra eles. É daí que vem esse apego à turma e coisinhas brasileiras.

Duvida? Dê uma averiguada nas comunidades no orkut do Canadá, ou Inglaterra, ou Austrália, ou de qualquer outro país que é destino comum de intercâmbio. Toda semana algum neófito abre um tópico pra perguntar se a cidade X tem bastante brasileiros (e adicionando que não quer ficar “sozinha no meio de um monte de gringo” ou algo que o valha), ou se cidade Y tem onde comprar feijão e arroz.

(Sim - na cabeça dos intercambistas, feijão e arroz são itens encontrados APENAS no Brasil.)

Sei que pareço meio hipócrita em denunciar o desespero dos intercambistas em se agarrar a qualquer coisa que os lembre do Brasil, quando eu de vez em quando me taco do outro lado da cidade pra gastar \$5 numa latinha de guaraná Antártica, mas tenha o contexto em mente - moro aqui há SEIS anos, e só visitei o Brasil UMA vez.

Em contrapartida, essa galera vem passar UM MÊS aqui. Se eles não estão disposto a experimentar o país do jeito que ele é por UM MÊS, qual é o propósito de convencer papai e mamãe a gastar alguns milhares de reais enviando o sujeito pro outro hemisfério?

Talvez toda a minha antipatia com intercambistas se resuma nisso - focos diferentes. Enquanto eu tou aqui tentando decidir uma carreira me esforçando em achar aquele mítico grupinho de amigos ao qual você pertencerá a vida toda, intercambistas estão contando a conversão do dólar pra real pra comprar iPod, e tirando foto de neve pra pôr no orkut. Eu chego achando que rolará uma afinidade instantânea pelo fato de que ambos falamos português, mas na realidade os caras tão sintonizados em algo completamente diferente do que eu estou.

E nem vou mencionar o profundo papelão (pra não dizer PAUNOCUZISMO) de gente que vem passar um ou dois meses, e fica enfurnado em casa nos seu tempo livre chorando no MSN com mãe/irmã/melhor amiga/namorado, se lamuriando por ter que aguentar a opressiva solidão. Dá licença.

Imagine aí a pessoa desperdiçar o que pode ser a maior aventura da vida dela porque é incapaz de se distanciar temporariamente da

mãe/namorado/qualquer outra muleta existencial.

Hmm, onde eu estava mesmo? Ah, sim - essa impressão de que intercambistas são um tipinho acomodado e sem muita vontade de realmente experimentar as terras gringas se solidificou em conversas com a tal M. Mas tudo bem, era minha PRIMEIRA amiga brasileira no Canadá, eu não tinha muita escolha e resolvi relevar.

E aí ela me convida pra ir a Toronto no Boxing Day. Pros que desconhecem, Boxing Day é como os canadenses e ingleses se referem ao dia após o Natal, quando as lojas precisam torrar tudo que não vendeu pro feriado natalino. O foco maior é em eletrônicos - computadores top de linha de mil (ou mais) dólares são vendidos por \$600. Câmeras digitais de marcas top que geralmente custam pra lá de 400 paus saem por menos de \$200, dependendo da loja.

É liquidação agressiva geral que gera tanta movimentação nos shoppings que por um momento você pensa que as leis naturais que impedem que dois corpos ocupem o mesmo lugar ao mesmo tempo foram temporariamente suspensas.

Se você acha por um momento que eu estou exagerando (como faço **dois bilhões de vezes** por texto), vá ao Google imagens mais próximo e pesquise qualquer combinação dos termos “boxing day shopping” pra ter uma idéia do volume de pessoas que esses preços atraem.



Pois é. Olha esse formigueiro humano.

M, sua amiga G, a patroa e eu nos encontramos na estação de trem de Oshawa, onde pegaríamos o Go-Train (trem que conecta as cidades próximas a Toronto, às margens do lago Ontario) com direção à New York canadense.



Esse trem é muito bacaninha, aliás. É uma das coisas que sinto falta em Ontario.

Pois bem. Eu, minha (na época) namorada as duas intercambistas embarcamos no tremzão aí. A viagem de Oshawa pra Toronto, se não me falha a memória - tenham paciência comigo caralho, estamos falando de uma série de eventos que aconteceu há quase cinco anos - demorava em média 50 minutos. É o tipo de situação que, por falta de qualquer outra distração, acaba fazendo que os companheiros de viagem se ocupem conversando e se conhecendo melhor.

É uma pena que não foi o caso.

M e G estavam muito mais preocupadas em discutir minúncias sem importância sobre eventos de sua escola (a do Canadá ou a do Brasil, não lembro, mas sei que era igualmente desimportante). Em português, ainda por cima, o que alienou a minha mulher totalmente.

Veza ou outra eu puxava um assunto em inglês, meio que tentando dar o toque que minha companheira não domava o português o suficiente pra acompanhar suas fofquinhas adolescentes, mas não adiantava - elas

respondiam monossilabicamente em inglês, antes de voltar à papagaiada lusofone.

Parecia quase um esforço consciente em marginalizar a minha mulher, que me lançava olhares como se perguntasse, com semblante triste, “o que elas tão falando?”.

A trivialidade do assunto e meu desinteresse em atribuir a ele qualquer impressão de importância que as fizessem continua-lo (no caso, traduzi-lo) me fez apenas dispensar o pedido da minha mulher. Eu já tava ficando bastante irritado naquele momento. Vale lembrar que não era apenas a minha mulher que se sentia ignorada por causa do papinho adolescente babaca non-stop; eu também me sentia totalmente por fora porque o assunto não me dizia respeito de qualquer forma.

Então seguimos em nossa viagem, sentados juntos mas tendo conversas completamente paralelas. A frustração aumentava gradativamente.

Chegamos em Toronto. Na Union Station, encontramos a terceira intercambista, a L. O bando lendário de quem vocês tanto ouviram falar estava pela primeira vez, diante dos meus olhos, reunidos.

As garotas se abraçaram, trocaram breves elogios em relação suas aparências, perguntaram sobre as novidades escolares... enquanto ignoravam agressivamente a mim e minha mulher. O desinteresse era absoluto. Era como se não estivéssemos lá.

Decidi que não tinha como tanto descaso ser apenas incidental. Rebobinei minha fita mental pra tentar me lembrar se eu havia dito ou feito alguma coisa que as causou a retaliar passivo-agressivamente dessa forma. Não achei nada.

Olhei pra minha mulher e a tristeza era praticamente palpável em seu olhar.

Elas finalmente se viraram pra mim. O plano seria ir ao Eaton Centre, um dos maiores shoppings de Toronto, pra aproveitar as liquidações e comprar X, Y e Z pra primo/tia/amigo da escola no Brasil.

Ok.

E aí veio a parte mais revoltante de todo aquele dia.

A parte que, quando me lembro, me causa gastrite de tanto arrependimento.

Pensar que aturei todas as desfeitas anteriores ao menos me dá alento porque imagino que ganhei bastante pontinhos de karma pra balancear meus incontáveis pecados. Mas quando lembro DISSO, a revolta é absoluta.

Uma das garotas estava indo passar o resto do fim de semana na casa da outra. Por isso, ela havia empacotado TODAS as suas posses (duas maletas imensas), e estava trazendo-as a tiracolo.

Chute aí quem foi o eleito pela turma pra carregar as duas malas durante toda a coisa.

Yep. Sendo o único detentor do cromossomo Y, minhas colegas decidiram que eu era o único capaz de exercer o serviço de um animal de carga. Tentando ainda ser educado, aceitei.

E lá foi a caravana - as três amigas de braços dados caminhando alegremente e batendo papo animado sobre alguma trivialidade qualquer, e eu uns 10 metros atrás carregando as malas, com a futura esposa tentando ajudar, e tristíssima.

O semblante de derrota dela é o que me dá mais ódio hoje. Quem já viu algum vídeo meu em que minha mulher aparece deve ter notado que ela é incrivelmente bem animada, e muito amigável. Ver essa menina que é a personificação de alegria se sentindo tão triste por ser rejeitada me causou um desgosto impressionante.

Em um momento naquele shopping absolutamente lotado, arrastando duas malas abarrotadas e se esforçando pra manter o passo e não perder as meninas de vista, pensei em simplesmente largar as malas no chão, dar meia volta e voltar a Oshawa. Expus a idéia pra mulher e ela, uma santa, se recusou - a canadense falou que devíamos tentar alcançar as meninas e entregar as malas, e dizer que estávamos voltando pra casa.

Pensei no bom karma que já havia acumulado até então. Se eu sacaneasse as meninas àquela altura do campeonato, voltaria pra casa sem o saldo positivo, e todo aquele suplício teria sido completamente em vão. Concordei com a mulher.

Mas cadê as desgraçadas? Durante essa conversa acabamos perdendo as meninas de vista. Com aqueles dois milhões de canadenses ao nosso redor, era como procurar uma agulha num palheiro.

Agora eu já estava ficando com dor de cabeça de tanta raiva. A mulher estava se impacientando também, mas a decisão de devolver as malas antes de irmos embora era irredutível.

Eu esticava o pescoço em todas as direções, tentando encontra-las. Nada. Era impossível. Não sou particularmente alto (1,73m), especialmente pros padrões canadenses. Seria impossível acha-las.

...até que eu lembrei que uma delas havia mencionado especificamente que queria comprar uma câmera digital. Pra minha sorte, só havia uma loja de eletrônicos na área próxima.

Entrei na loja lentamente, por osmose, sendo pressionado por todos os lados pela multidão. Fui à seção de câmeras e, maravilha, lá estavam as meninas! Respirei aliviado. Elas me viram antes que eu me aproximasse e a surpresa...

“Ei, que tal a gente se separar e se encontrar no fim do dia, quando for pra voltar pra casa?”

Fiquei sem resposta. As meninas deviam estar planejando se desvencilhar da gente mesmo, porque a pergunta foi muito de supetão. Sem reclamar, entreguei as malas e me virei pra me retirar. Nisso ouço uma delas falando “não esquece de perguntar antes pra ele!”.

Me viro e uma delas têm em mãos um mapa de Toronto. Elas queriam que eu explicasse, antes de ir embora, como chegar de um certo ponto da cidade a outro.

E aí que eu entendi a coisa toda. Elas mostravam completo desinteresse em interagir comigo ou com minha mulher porque de fato nutriam completo desinteresse em conversar comigo ou minha mulher. Do começo ao fim era óbvio, mas só naquele momento a coisa ficou perfeitamente clara - eu era o burro de carga/guia turístico delas, e nada além disso.

Entreguei-lhes as malas e não lembro nem se dei tchau. Eu havia passado do ponto em que me preocupava me manter as aparências de civilidade. Peguei a mulher pela mão e saí daquele inferno lotado de gente, para nunca mais ver aquelas meninas na vida.

Desespero intestinal no shopping

Quando eu era moleque, uma das grandes gozações que aprontávamos com os coleguinhas de sala era inventar elaboradas histórias fictícias a respeito de algum incrível vexame que o sujeito tivesse supostamente sofrido no passado. Você deve ter feito isso também.

Passávamos horas maquiando a história, adicionando detalhes que atestassem a verossimilidade do negócio (“*lembra que naquele dia estávamos combinando de ir assistir Mortal Kombat no cinema e foi aí que...*”) e adicionando personagens extras à mentira. O Fulaninho teria visto o negócio e espalhado pra nossa turma, e o Sicrano teria sido o responsável por repassar a história pra galera das outras salas.

A vítima da brincadeira estava perfeitamente ciente das nossas maquinações, mas a ele restava apenas levar na esportiva. Qualquer tipo de revolta ou explicações desesperadas de que o evento nunca aconteceu implicava que nossa história era de fato verídica, e que o moleque estava tentando a qualquer custo esconder a verdade, o que acabava complicando mais a situação do infeliz. A única coisa que o moleque podia fazer é dizer, com ar de despeito, “...é tua mãe, Israel” e resignar-se a terminar suas equações de primeiro grau.

Pouco a pouco a história se solidificava no folclore da galera (que sabia se tratar de um ruste, mas se divertiam fantasiando a suposta desgraça do coleguinha), até que vinha a parte mais succulenta - relatar o conto aos alunos novatos como se este tivesse caráter histórico. Não como uma gozação que todos sabíamos se tratar do fruto das nossas imaginações férteis, mas como se fosse um relato 100% factual sobre alguma tragédia que se abateu sobre o João ou o Fernando ou o Pedro; alguma coisa que destruísse completamente sua moral perante o círculo social escolar.

E as farsas sempre tinham a ver com funções corporais. Ou melhor, sobre **descontrole de funções corporais**. Não sei se há uma explicação pro

fenômeno, mas pra um moleque de 14 anos não há nada mais engraçado que a idéia de alguém se urinando (ou deus o livre, se defecando) em público. Por isso, nossas histórias fictícias sempre tinham a ver com alguém supostamente se mijando na sala durante uma aula de matemática, ou se cagando no meio da quadra de futebol durante a aula de educação física.

Mal sabia eu que, mais de dez anos depois, o karma me alcançaria e me colocaria na mesma situação que eu inventava pros meus amiguinhos.

Na semana passada levei minha mulher pro cinema, na tentativa de assistir *The Dark Knight*. Digo “tentativa” porque aparentemente toda a região metropolitana de Calgary teve a mesma idéia que eu, e escolheram o mesmo cinema que a gente.

O saguão do Paramount Chinook, que é um dos maiores multiplexes da cidade - senão o maior - estava completamente lotado. Pra tu ter uma noção do acúmulo de desocupados no lugar, era uma daquelas situações em que você precisa se deslocar pelo lugar através do fenômeno de osmose. Eu não andei em direção ao guichê; ao invés disso fui fagocitado pela multidão, gradativamente sendo levado até o caixa. Eu tive que NAVEGAR a multidão; o jeito essencialmente era achar uma correnteza que viajasse na direção do guichê e pular nela.

Não dava nem pra ver o chão; além de assediar sexualmente todas as pessoas no meio do caminho de forma involuntária cada vez que eu tentava mover os braços, devo ter pisoteado diversas crianças de colo. Não dava pra quantificar a multidão usando métodos convencionais de contagem de cabeças, um censo do lugar teria que ser efetuado usando medindo o volume de pessoas ocupando o salão. Calculo que houvesse uns 400 metros cúbicos de vagabundos ali.

Antes mesmo de chegar à bilheteria, descobrimos que não poderíamos assistir o filme. Funcionários do cinema navegavam a multidão, gritando a plenos pulmões que todas as sessões de *The Dark Knight* (que estava sendo exibido em cinco salas) estavam esgotadas. Quase imediatamente o lugar virou uma bolsa de valores - aqui e ali alguns mais afoitos começaram a berrar que ofereceriam 20, 30 dólares por um ingresso, ao mesmo tempo que mãos se ergueram do meio da massa, lá do outro lado do lobby,

acompanhadas por vozes que anunciavam que o negócio seria fechado caso o portador do ingresso conseguisse chegar até o comprador.

Já impaciente, mandei a situação inteira tomar no cu. Resolvi passear pelo shopping com a namorada, me consolando com o fato de que após o furor da semana de estréia, seria possível assistir o filme sem precisar quebrar leis da física e ocupar o mesmo espaço que cinco ou seis outros cinéfilos.

E lá íamos a mulher e eu, de mãos dadas no shopping, espiando vitrines e fazendo planos pra viagem ao Brasil.

E foi aí que eu senti.

Começou inocentemente. Minhas tripas repentinamente se contorceram todas, enviando sinais de dor e desconforto ao meu hipotálamo.

De acordo com a wikipédia, o hipotálamo “está envolvido principalmente no controle das emoções e atividade sexual. O hipotálamo também controla a temperatura corporal, a fome, sede, e os ciclos circadianos.”. Esqueceram de adicionar a função principal do órgão, que é detectar os sinais de uma iminente caganeira.

O som da voz da namorada foi se tornando cada vez mais baixo, até ser bloqueado totalmente graças ao profundo desconforto intestinal. Tentei analisar cuidadosamente a situação, antes de tomar uma decisão drástica. Meus instintos me diziam que seria possível segurar a onda, mas isso exigiria um esforço consciente constante. Qualquer descuido, qualquer arrotos/peidos/soluços poderia causar meu esfíncter a expelir a massa fecal pressurizada. Não é o tipo de risco que eu queria correr.

Por outro lado, acessar os lavatórios público de um estabelecimento como um shopping é um negócio desconfortável demais. Primeiro, porque o movimento constante de transeuntes pelo banheiro provoca uma situaçãozinha bem desagradável. Quem quer cagar sabendo que há desconhecidos perambulando pelos arredores? Não rola. Isso pra não entrar no mérito da sebozice que é encostar a bunda nua no mesmo equipamento utilizado por milhares de desconhecidos com o mesmo propósito. Bom senso prega que é melhor evitar se colocar nesse tipo de situação.

Porém, como a maior parte das minhas decisões nessa vida, o bom senso não foi um fator determinante. A essa altura dos cálculos mentais, tive que fazer um reajuste - o desconforto intestinal já era tamanho que eu começa a andar em passinhos pequenos, curtinhos, que era um efeito colateral do esforço hercúleo de manter a bunda firmemente fechada pra evitar a fuga de um cocôzinho prematuro.

A namorada continuava tagarelado alegremente, pulando de assunto em assunto com avidez, apontando pra vestidos na vitrines e prontamente me informando que ela acredita ter visto o mesmo vestido, ou talvez um IGUALZINHO àquele, numa loja concorrente por 90 centavos mais barato. A menina estava totalmente alheia ao fato de que eu estava travando uma das mais importantes batalhas físicas e mentais de toda a minha vida.

“Foda-se. Vou cagar aqui mesmo neste shopping, ou não me chamo Israel Nobre”, afirmei mentalmente com convicção invejável.

Não que a decisão fosse sinal de grande bravura. Poderes fora do meu controle haviam determinado que eu cagaria no shopping *de qualquer forma*. Era apenas uma questão de, vai ser num banheiro, ou aqui na frente da GAP?

Eu já tinha perdido até a noção do tempo; na minha mente, eu estava à horas tentando me segurar pra não me cagar todinho (apesar de que a aflição neste momento não devia nem ter durado 10 minutos ainda). Lá ia eu, fazendo de conta que ouvia a namorada, enquanto escaneava o horizonte do shopping procurando pelo símbolo universal do bonequinho estilizado que representa minha salvação naquela situação.

Nisso a namorada me dá um puxão e me arrasta pra dentro de uma loja de roupas qualquer. Ela continuava matraqueando sobre um vestido ou sapato ou avental ou sei lá o que demônios a menina tava falando; todas as minhas faculdades mentais haviam sido redirecionadas pro controle intestinal. Se por um segundo sequer eu me preocupasse em ouvir sobre que peça de roupa ela pretendia comprar “contanto que não fosse verde... não gosto muito de verde...”, todo o esforço até então teria sido em vão.

De repente sinto uma pontada mais forte na base da barriga, e com total terror interpretei o sinal como um alerta máximo - nos próximos 3 minutos, eu estaria evacuando todo o conteúdo das minhas tripas em uma série de movimentos involuntários que me fariam perder uma calça e minha dignidade.

Meus olhos se arregalaram de pavor. Não havia mais tempo a perder. Me desvencilhei da mão da menina e afirmei que iria dar uma olhada no departamento masculino. Ela balbuciou uma sílaba qualquer enquanto segurava um vestido à altura do pescoço na frente do espelho.

Engraçado como os seus princípios são extremamente relativos à sua condição. Se há pouco tempo eu ainda mantinha reservas sobre defecar em uma latrina pública, neste momento isso era a última das minhas preocupações. Eu precisava achar uma privada o quanto antes, meu tempo estava se esgotando.

Fui a uma balconista e perguntei se eles tinham um banheiro na loja. Meu olhar e meu tom de voz não fizeram nenhum esforço em ocultar o nível de alerta em que eu me encontrava. A mulher entendeu perfeitamente que eu era uma bomba-relógio de merda, e se apressou em me apontar na direção da salvação.

Entrei no banheiro quase ofegante, as pernas sacolejando, o suor brotando na testa. Minha exasperação em alcançar o banheiro a tempo me fez até mesmo embaçar os óculos, acreditem se puder. E ainda assim, não esqueci do meu compromisso jornalístico - sabendo que a situação se tornaria um post eventualmente, saquei o telefone do bolso e tirei uma foto do ambiente.



Como não acredito em divindade alguma, não perdi meu tempo oferecendo preces de gratidão - me lancei em direção à privada e...

...de repente a preocupação com germes alheios voltou à tona. Não havia como adivinhar o presente nível de sebosidade daquela latrina. E se a última vez que um funcionário (com a indigna tarefa de limpar o banheiro) passou por lá foi no mês passado? E se o último visitante do negócio tivesse sido um asquerosíssimo mendigo, na intenção de se masturbar usando como auxílio visual os insinuantes catálogos de lingerie da loja?

É um risco que eu não poderia correr. Já às beiras de perder o controle, arranquei uns pedaços de papel higiênico, forrei o assento tal qual uma mulherzinha e pude finalmente me aliviar. O som foi similar àquele causado por pedregulhos caindo dentro de uma bacia com sopa.

Sai do banheiro literalmente enxugando a testa com a manga da camisa. Procurei a namorada, ela estava esperando uma vaga no provador pra experimentar o tal vestido. Ela olha pra mim, com um semblante completamente neutro.

“Tu tava no banheiro, né?”

Eu fico chocado. Tudo bem que, apesar dos meus esforços em esconder minha aflição, meu desespero era bastante transparente. Mas por que diabos a menina ia me empurrar na parede com uma pergunta dessas? A troco de quê ela exigiria que eu confessasse que por muito pouco não me borrei completamente?

Antes que eu pudesse expôr meus pensamentos de forma verbal, a menina estende o braço em direção à minha cintura e...

...e puxa uma longa tira de papel higiênico que havia ficado presa no meu cinto.

Sim amigos, eu perambulei por uma loja lotada com uma cauda de papel higiênico afixada à bunda.

Riam da minha cara.

A epopéia do computador novo

Quem acompanha minha aventuras canadenses no meu site sabe que eu costumo ter um excepcional azar com gadgets. Do meu Xbox 360 dando 3RL três vezes, à GPU do meu Wii explodindo, à tela do PSP se partir ao meio, aos dois HDs queimando no mesmo dia, ao meu laptop tomando recall, eu já passei por muitos perrengues com tecnologia.

Mas o dia de hoje fez tudo aquilo parecer fichinha. Comprei um computador novo.

Lá pelo terceiro dia de posse do meu novo PC, eu comecei a notar que algo estranho estava acontecendo — ele estava se desligando sozinho. Não entrando em modo sleep nem nada do tipo: o gabinete morria como se houvesse faltado energia. Quando eu reiniciava a máquina, recebia aquele aviso semi-inútil de que o Windows havia fechado de forma inesperada e tal.

Na primeira vez, eu supus que fosse um bug qualquer. Quando aconteceu da segunda e terceira vezes, resolvi que algo estava de fato errado. A quarta vez aconteceu quando eu tava no meio do chat com o suporte da HP.

Mas o que seria a causa do problema?

Suspeitei do processador ou da fonte. Mas os crashes haviam acontecido em momentos de inatividade (uma delas foi durante à noite, quando eu nem estava usando a máquina). E no inverno canadense, a temperatura da minha casa dificilmente passa dos 20 graus — não é um ambiente propício pra superaquecimento do processador.

Logo, a fonte me parecia um suspeito mais provável.

Quando descobri que a fonte era de apenas 300w, comecei a ficar convencido que era um defeito de design. O consenso de quase 100% dos

internautas a quem expus o problema é que aquela força era insuficiente pra máquina que eu estava tentando rodar.

Corri à Memory Express, uma loja de computadores lá perto de casa, e resolvi fazer a prova dos nove. Descrevi a máquina pro atendente e perguntei o que ele mudaria naquela configuração. A resposta dele foi imediata: “eu trocaria essa fonte por uma de pelo menos 500w”.

Pensei “MERDA”. Pelo jeito o design desse desktop é falho. Terei que devolver.

Agora, há algo que você precisa saber sobre mim pra entender um pouco sobre meu estado de espírito durante toda essa presepada.

Eu sou absolutamente NEURÓTICO em relação ao funcionamento dos meus gadgets.

Se eles não estiverem perfeitamente configurados e funcionando em sua máxima capacidade, eu fico completamente paranóico, não consigo dormir, não consigo comer, fico na agonia de chegar logo em casa e fazer todo o setup pra deixar a máquina do jeitinho que eu quero. A idéia de não ter um computador funcional faz meu sangue ferver e minhas tripas darem nó.

Todos temos nossas loucuras, né? Essa é a minha. Herdei-a do meu pai, que também passava madrugadas acordado tentando atualizar firmware de routers, trazer laptops de volta à vida ou configurar o home theater dele do jeitinho que ele gosta.

Então.

Volto pra casa, decidido que o culpado do problema era a fonte do gabinete. Tava quase na hora de sair pro trampo, então eu teria que agir rápido pra formatar a máquina, recoloca-la na caixa, e poder sair pra sex shop tranquilo sabendo que ao menos essa etapa já foi completada.

Se eu saísse de casa e deixasse o PC ainda montadinho na mesa, eu ficaria pensando “ahhhh que merda, ainda tenho que formata-lo, tira-lo da mesa, preciso fazer logo isso...”.

Vou pro trabalho e passo as próximas oito horas completamente neurótico, simulando todos os eventos do dia seguinte na minha cabeça - “sairei do trabalho, pegarei o trem, volto pra casa, chamo um táxi, levo o computador de volta à Best Buy, pego outro, vou instalar tudo de novo e tudo estará bem”.

Chega sete da manhã, o horário em que termino meu expediente, e corro pra casa. A mulher, sabendo que eu estava já meio estressado com toda a confusão (eu havia atrasado minha agenda totalmente por causa do dia sem computador, aliás esse é o motivo pelo qual o HBDtv não saiu hoje como eu planejava), se prestou a me acompanhar à Best Buy pra dar aquele apoio moral.

Agora, a coisa **INTELIGENTE** a ser fazer teria sido tirar a roupa do trabalho, tomar um banho, comer alguma coisa, me dirigir ao quarto, meter a piroca na noiva pra desestressar, dormir pelado e satisfeito, e só quando acordasse muitas horas mais tarde, já relaxado, me metesse a resolver o problema.

Mas eu não sou uma pessoa particularmente inteligente. Sou o cara mais **AFOBADO** do mundo. Aliás, a palavra “afobado” é engraçada, não? Enfim.

Ligo pra companhia de táxi e eles informam que demorará 40 minutos pra chegar um táxi na minha casa. Eu penso “mas que infernos?!” aí lembro da notícia que ninguém parava de falar no dia anterior.

Snowstorm slams Calgary area

110 collisions reported in 5 hours in Calgary

Last Updated: Friday, December 4, 2009 | 8:37 PM MT

CBC News



A sander makes its way through Calgary traffic on Friday as a storm blows through. (CBC)

26 of them involving injuries.

Calgary police and RCMP are asking people not to drive unless absolutely necessary as an intense storm is causing low visibility and numerous crashes.

Weather warnings are in effect for most of the province, with an Arctic cold front expected to bring up to 20 centimetres of blowing snow to the Calgary area by Saturday morning.

Between 8 a.m. and 4:30 p.m., police received reports of about 176 collisions,

A pior nevasca do ano estava sendo esperada ontem, o que causa inúmeros acidentes de tráfico (110 batidas de carro em CINCO HORAS) e paralisa o trânsito na cidade inteira.

Em uma das avenidas mais movimentadas rolou um acidente envolvendo CINQUENTA veículos. Imagine a cena.



Tipo isso aí

“Ok”, pensei. Sou um cara bem humorado que ri das próprias desgraças e tenta sempre ver os sobressaltos da vida com esportividade. “O trânsito vai atrasar um pouco as coisas. Isso significa na pior das hipóteses que terei que ficar acordado por mais tempo. Tudo bem.”

Uns 40 minutos mais tarde o táxi aparece. Pulo do carro com a caixona do computador a tiracolo e a patroa ao meu lado, me acalmando dizendo que já já tudo se resolverá, que o novo computador será ainda MELHOR que o outro, blá blá blá.

Chego na Best Buy e jogo a caixa no balcão do serviço de atendimento. Essa é uma das coisas que eu adoro a respeito de morar aqui - nego não embaça suas devoluções, não fazem corpo mole pra te ajudar a trocar uma mercadoria.

O cara abriu a caixa, viu que o gabinete tava lá, e falou “ok, trás lá outro qualquer”.

Não perguntou por que eu tava devolvendo, não exigiu que eu explicasse o problema, nem sequer checkou pra ver se a máquina tava ligando. Tudo na base da confiança mermo. Lembro que a única vez que eu precisei devolver um eletrônico no Brasil (uma webcam) a mulher da loja colocou TANTOS empecilhos que eu tive que fazer escândalo na loja, berrando e o cacete.

Por uma porra de uma webcam. Enfim.

Vou à área dos computadores e pego uma outra máquina. Esta aqui.



Um p6242f, que é um modelo bastante similar ao computador problemático, porém com chipset Intel - o que deveria agradar meus amigos fanáticos pela marca que predisseram que toda sorte de infortúnio cairia sobre mim se eu comprasse um computador com processador AMD.

Já um pouco mais relaxado, eu pego a caixona e levo ao serviço de atendimento ao consumidor. Porém, um problema.

O preço que eu paguei originalmente era um desconto porque comprei o PC e o monitor juntos. Devolvendo apenas o computador mas mantendo o monitor, o desconto não seria mais válido, e nessa eu acabei tendo que pagar o preço total do monitor por fora — 130 dólares.

Como se isso já não fosse um chute nas bolas, que tal esta? Se eu tivesse empacotado o computador inteiro e fizesse retorno da transação inteira, eu

poderia pegar o PC acima com um monitor de 23”... por apenas 50 dólares a mais do que eu gastei no total.

Ou seja, ao invés de voltar pra Best Buy, desembolsar outros 50 contos e retornar com um monitor maior, eu paguei 130 dólares e fiquei com o de 20” mesmo.

Novamente, uma pessoa com um cérebro funcional decidiria que isso é um péssimo negócio e simplesmente voltaria outro dia, com mais calma, pra devolver tudo junto e pegar o PC Intel junto com o monitor maior.

Mas não eu. Eu sou afobadíssimo e preciso ter tudo resolvido e funcionando o mais rápido possível, custe o que custar. É uma fúria cega.

Sentindo a frustração subir novamente, eu me acalmei pensando “esquece, é apenas dinheiro, não se estresse por causa disso”. Graças às minhas manobras financeiras friamente calculadas e meus planos de orçamento (que um dia explicarei no meu site pro benefício de vocês), felizmente dinheiro não costuma ser um grande problema pra mim, por isso sempre tento não me abalar por causa de cifras.

Falei “FODA-SE” mentalmente, paguei a diferença, e fui pra porta da loja ligar pro táxi.

E só dava ocupado. Quando o clima vai pra merda desse jeito, o sistema de táxi da cidade fica completamente sobrecarregado, já que ninguém quer usar transporte público.

Demorou mais ou menos meia hora pra finalmente conseguir um táxi. Chego em casa já mais tranquilo, embora a idéia de ter que setar o novo computador disparasse meus genes da afobação e me deixasse um pouco frustrado.

Chego em casa, passo a faca na caixa, puxo o computador pra fora e quando começo a plugar os cabos no gabinete...

Não.

Não é possível.

Reviro o gabinete todo. Checo a parte da frente, as laterais, a traseira. Não. Não. Não. Não acredito nisso.

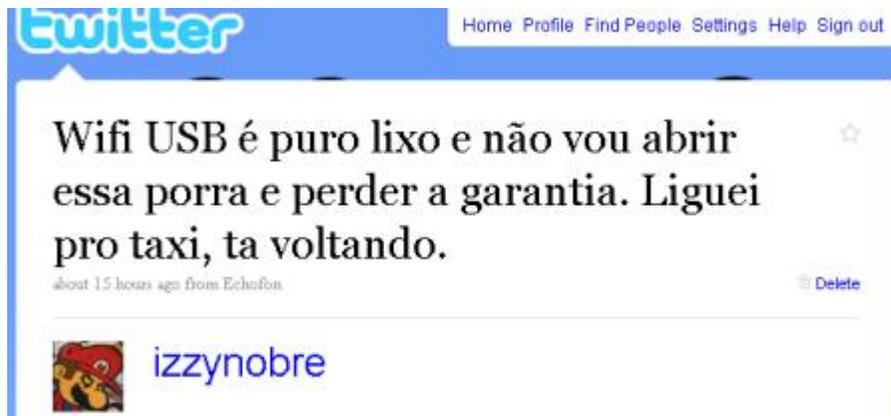


Escrevi esse tweet só com uma mão, porque com a outra estava arrancando os cabelos e arremessando objetos aleatórios contra paredes e familiares.

Agora, a coisa inteligente a se fazer seria dar de ombros, aceitar a derrota, cair na cama e dormir. A esta altura eu já estava acordado há quase 24 horas, tendo acabado de trabalhar a madrugada inteira.

Alguém sugeriu que eu voltasse à Memory Express mais tarde, que é mais perto do que a Best Buy e eu poderia ir andando, e simplesmente comprasse um adaptador wifi USB (já que instalar uma placa wifi interna violaria minha garantia, o que não é uma boa idéia).

Mas pra alguém com meus problemas mentais, essa era uma opção inválida.



Pois é. Acredite se puder, eu liguei pro táxi de novo. Meia hora depois lá estava eu, dentro do carro, BUFANDO COM O MAIS PURO ÓDIO DA VIDA.

Pedi pro taxista me esperar do lado de fora da Best Buy, já que eu não esperava demorar tanto. Ele aceitou, mas alertou que o taxímetro rodaria enquanto eu estivesse na loja.

O que é um peidinho pra quem já está todo cagado? Aceitei os termos. Já estava resignado a ir à falência ontem mesmo se fosse o custo de ter um computador funcionando.

Agora deixa eu revelar um detalhe pra vocês — o PC de onde escrevo este conto não é o computador novo, é meu netbook. Além do netbook, eu também tenho um desktop na sala, ligado à minha TV, servindo como media center. Há também o desktop do meu irmão, o meu laptop antigo, e o laptop da minha mulher. Tenho acesso livre e pleno a qualquer um destes computadores, e todos acessam a rede wireless da minha casa.

Ou seja — há CINCO outros computadores na minha casa. Eu tenho internet até no meu celular, ou seja, não é como se meu vício no twitter fosse interrompido se eu desistisse temporariamente dessa caçada maluca por um computador novo.

Mas, como já expliquei, eu sou completamente e perdidamente afobado.

Minutos depois eu estava de novo depositando o computador no balcão do serviço ao consumidor. O carinha me olhou com semblante de dúvida.

“Não tem placa wifi” eu disse, sem esperar resposta do cara — parti em disparada pra área de computadores de novo.

Nessa altura, eu tive uma epifania. Eu já tava duvidando desde o começo que a HP realmente colocaria no mercado um modelo com fonte insuficiente, e eu ser o primeiro e único a notar o problema (pesquisei com mil termos diferentes no Google e não recebi nenhum resultado indicando problemas similares ao meu).

O design do computador, o vilão original, talvez fosse inocente. Parecia mais lógico que o PC que eu peguei estava danificado de alguma forma. E como ele tinha os melhores specs pelo preço que eu paguei, além de vir com wifi (apenas dois outros modelos de desktop na Best Buy tinham wifi embutido), por que não pegar OUTRA unidade do mesmo modelo?

E nessa hora algo aconteceu que me fez não apenas berrar “FUCK” em plenos pulmões no meio da Best Buy lotada, mas também me fez crer que eu estava participando de algum tipo de pegadinha cruel.

No intervalo de mais ou menos quarenta minutos desde minha última passada na Best Buy, praticamente todos os bons computadores haviam sido vendidos. Só Dual Cores vagabundos de 4gb de RAM sobravam.

Aí eu me toquei que estava disputando por eletrônicos numa das maiores lojas do gênero, poucas semanas antes do Natal. O que parecia ter saído de um livro surreal do Kafka começou a fazer sentido. Os PCs não evaporaram, foram comprados pelos outros trocentos clientes que perambulavam pela loja.

Catei o primeiro computador que tinha specs similares sem sequer olhar pra etiqueta de preço e corri pro balcão. Chegando lá dou de cara com uma fila de CINCO pessoas. Nessa hora lembrei que o taxista estava lá fora, com uma conta de dígitos triplos e provavelmente puto porque eu falei pra ele que não demoraria nada.

Engoli o ódio que eu sentia do universo no momento. Senti claramente o coração batendo acelerado, a pressão subindo, as primeiras pontadas da dor de cabeça castigando minhas têmporas.

Pensei com certa melancolia que se tivesse um infarto ali mesmo, ao menos não teria mais que passar algumas horas deixando o computador do jeitinho que eu queria quando chegasse em casa.

Finalmente chega minha vez no caixa. Sacando o recibo do bolso pra executar a troca, notei que a lateral da caixa dizia “Comes with Windows Vista”.

Windows Vista.

Soltei um desesperado YOU GOT TO BE FUCKING KIDDING ME. Todos os olhares na loja se voltaram pra mim. Cliente xingando em estabelecimento comercial é geralmente admoestado pelos funcionários, mas a essa altura sem dúvida os caras estavam com pena da situação, ou com medo de eu me transformar num troglodita e sair quebrando tudo e espumando pela boca.

Corri feito um maratonista pra área de computadores. O taxímetro rodando, a dor de cabeça batendo, o estômago protestando a fome, o cansaço de ter passado um dia inteiro em pé... eu não estava na melhor situação pra tomar uma decisão.

E eu estava encurralado. Não havia mais computadores disponíveis, a única escolha seria pegar uma porra dum Athlon Dual Core com 2GB de RAM e Vista - ou seja, exatamente a mesma máquina que eu queria substituir desde o começo!

A frustração começou a tomar conta de mim. Eu estava longe de casa, com fome, cansado, já tinha torrado uma bela grana e não tinha uma solução pro problema.

O único jeito seria apelar pra uma solução que eu rejeitei a princípio - comprar uma placa wifi USB. Lá se vão mais 70 dólares. Fazer o que.

Ou seja - eu havia empacotado o computador pra nada. No final de contas, levei-o pra um passeio de táxi, porque a melhor escolha seria mante-lo.

Pego o primeiro DLink que vi pela frente (ACHO que era Dlink, mal li a caixa), corro pro serviço ao consumidor, e havia agora DEZ pessoas na fila.

Àquela altura a máxima “o que é um peidinho pra quem já está todo cagado” não era mais apropriada, porque eu não estava apenas “cagado”. Estava nadando em (e simultaneamente COMENDO a) merda.

Avistei um caixa que tinha acabado de abrir e então corri pra lá, fazendo malabarismos com a caixa do PC e a do adaptador wifi. Quando chega na minha vez, sou atendido por uma lésbica gorda e bem feia que, como ela mesma explicou, era novata no trabalho.

A mulher passou uns 5 minutos lendo as instruções na tela do computador, sem saber como prosseguir com a minha transação.

Eu não podia acreditar naquilo. A menina estava inclinada na direção do monitor, seguindo as linhas das instruções com o dedo, lendo em voz alta pra si mesmo e com a maior cara de retardada que eu já vi na vida.

“OLHAQUI MINHA FILHA” eu comecei a berrar antes mesmo de perceber o que eu estava falando. Foi meio que um reflexo.

“GERALMENTE EU NÃO SOU FILHO DA PUTA DESSE JEITO MAS EU TOU COM PRESSA PRA CARALHO, PELO AMOR DE DEUS CHAME ALGUÉM AQUI QUE SAIBA OPERAR A PORRA DESSA MÁQUINA”.

Senti que toda a loja tava olhando na minha direção.

A menina olhou pra mim com olhos arregalados e falou, de voz baixa e com muita vergonha:

“Desculpa senhor, é meu primeiro dia...”

Isso me desarmou completamente. Eu já estava a ponto de lágrimas a essa altura. A menina finalmente entendeu o que deveria fazer, pegou minha

grana, me deu o recibo e me desejou um sincero “bom dia”. Corri em direção à saída, mas parei no meio do caminho, olhei pra trás e falei “Me desculpa. Tou tendo um dia horrível. Você tá fazendo um bom trabalho”. Ela sorriu de volta.

Chego em casa 10 minutos e cem dólares mais pobre (70 do adaptador, 30 do táxi). Instalo tudo e posso dizer com felicidade que tenho um bom computador novamente.

A placa wifi está meio instável (às vezes pego velocidades de 11mbps, e às vezes isso cai pra 4mbps), mas ao menos tá tudo funcionando lá.

Até agora, ao menos.

Minha mulher acompanhava meu trabalho de perto com atenção. Quando ela viu que o computador estava funcionando perfeitamente, ela carinhosamente me puxou pra longe do computador. Ela conhece essa minha doença da afobação, e sabia que tava na hora de interceder.

Eu falava “pera, tenho só que ver isso...” e estendia a mão pra pegar o mouse, mas ela pegava minha mão, entrelaçava os dedos com os meus, e falava com voz maternal:

“Meu amor, o seu computador já tá pronto. Vem deitar aqui comigo”.

Eu tava sem forças pra protestar. Cai de sapato e calça e tudo na cama. Fechei os olhos assim que a cabeça bateu no travesseiro. A última recordação que tenho é que ela tava tirando meus sapatos e perguntando se eu tava com fome.

E aí eu apaguei. Era uma da tarde a essa altura do campeonato.

Acordei às 10 horas, em cima da hora pra sair pro trabalho. A patroa havia preparado uma janta, mas não havia tempo pra comer. Pulei na cadeira do PC, verifiquei que tudo estava às ordens, e me arrumei pra sair pro trabalho.

Pensando em registrar as condições climáticas pra poder provar para os leitores do meu site que o negócio tava realmente tenso, saquei o iPhone pra

uma filmagem rápida. E enquanto filmo a cidade completamente coberta de neve e explico que tive um dia de MERDA... eu escorrego e caio, rasgando minhas calças no processo.

Eu havia comprando tais calças menos de uma semana antes.

Comentei no twitter que hoje foi o pior dia que consigo recordar em toda a minha existência. E a resposta unânime foi “então você não teve muitos dias ruins”.

E eu percebi que é a pura verdade. Sou um cara bastante sortudo no geral (por motivos que não enumerarei por medo de soar muito arrogante), então é natural que o Universo cague na minha cabeça de vez em quando pra equalizar as coisas.

Agora é rezar pra que eu chegue em casa e o computador ainda esteja ligado, e a placa wifi esteja funcionando como deveria.

O gringo que tentou me recrutar na Herbalife

Se alguém te perguntasse qual a característica mais marcante da raça humana, o que você responderia? O nosso intelecto? Nossa capacidade de compaixão? As maravilhas da engenharia moderna? Nossa habilidade de nos comunicar vocalmente? Nosso sucesso em nos organizar em grupos?

Passou longe. A característica que mais define o ser humano é que todos nós, em um momento ou outro, nos ocupamos imaginando o que faríamos se fôssemos os donos de uma fortuna de milhões de dólares.

Você deve ter feito isso hoje mesmo, até. Alguns pensam em “comprar uma casa e fazer um puxadim pra mainha”, pra parafrasear tantos indigentes habitantes do Maranhão (redundância, eu sei) que se tornaram ricos da noite pro dia graças ao seu Sílvio e sua Tele-Sena.

Outros usariam a grana pra pagar por uma formação superiora. Talvez hoje mesmo no caminho do trabalho, você fantasiou a respeito das festas putariosíssimas que você poderia anfitriar, ao invés de estar se dirigindo ao seu estágio mal pago. Ao se ver dentro de um ônibus lotado cara-a-cara (ou, dependendo da sua altura, cara-a- suvaco — o que é muito pior) com um mestre de obras suado e asqueroso, talvez você comece a fantasiar sobre os carros luxuosos e as motoristas topless que você contrataria pra te levar pra cá e acolá.

E quem sabe, quando acabar chegando atrasado no serviço (porque a grande concentração de pobres no ônibus bloqueou seu acesso à porta e você acabou descendo vinte quarteirões mais tarde), resultando numa espetacular e desmerecida bronca do seu chefe, todas as outras vontades materiais e carnais dariam lugar ao desejo de poder subir na mesa do chefe, mijar em cima da cabeça dele e voltar pra casa satisfeitíssimo e totalmente despreocupado com uma fonte de renda. Aliás, o cenário da mijada na cabeça da chefia é provavelmente mais popular que todos os outros sonhos.

Já eu tinha uma idéia muito mais elaborada do que eu faria se ganhasse milhões, que revela tanto as minhas raízes de sementeiro da discórdia quanto à minha incomparável vontade de assistir a desgraça alheia enquanto ela acontece.

Meu plano era o seguinte. Eu iria me trajar dos trapos mais arrebatados e imundos que eu pudesse encontrar na minha casa. Em seguida, me dirigiria a algum estabelecimento de venda de itens caros, como uma concessionária. Eu aguardaria o inevitável momento que um vendedor faria pouco caso da minha aparência e, quando ele estivesse próximo a acionar os seguros, eu me aproximaria de um outro vendedor e compraria uma frota inteira de automóveis, recompensando-o com uma generosa comissão que uma gorjeta ainda mais farta.

E quando o filho da puta que me destratou me fitasse com aquele olhar tão inquisitivo quanto deprimido, eu explicaria em voz solene “Aprenda, seu filho de uma distinta meretriz, que nem sempre as roupas fazem o homem. De repente o sujeito vestido como um total fodido está na realidade bem distante disso.”

Entretanto, eu aprendi no mundo real que o inverso é muito mais comum, e que o sujeito vestido como um indigente miserável é realmente um indivíduo fodido nessa vida. E nessa hora você entende que a tal “oportunidade de investimento imperdível” que ele tenta te vender só pode ser um esquema furadíssimo, caso contrário ele não estaria vestido com algo que ele encontrou no meio do caminho até minha casa.

Esta é a história do meu envolvimento com a Herbalife. Os eventos descritos neste texto aconteceram quatro anos atrás, no comecinho de 2004, poucos meses após minha chegada no Canadá. Eu tinha 19 anos, quase nenhuma experiência de vida ou de trabalho, e estava desesperado pra arrumar um emprego. E, mais importante, eu nunca tinha ouvido falar em esquemas pirâmide na vida.

Eu era o alvo perfeito.

O nome dele era Bruce. Não lembro o sobrenome do cara de jeito nenhum. Tudo o que me lembro é que logo que o vi pela primeira vez, estacionando

aquela sucata que ele chamava de carro na frente da minha casa, a semelhança com o George Costanza (do Seinfeld, lembra?) foi surpreendente. E não apenas no visual, como eu fiquei sabendo pouco tempo depois. Mas estou me apressando na narrativa. Vamos começar do começo.

Eu havia praticamente acabado de chegar no Canadá. Não estava gostando, e queria desesperadamente retornar ao Brasil. Pra isso, eu teria que correr atrás.

Saí procurando anúncios de trabalho nos jornais locais. Um desses anúncios me chamou atenção - a notinha nos classificados fazia alusão a uma posição interessante, *”voltada a pessoas motivadas e sem medo de investir tempo e esforço pra estabelecer seu próprios negócios e se tornar financeiramente independentes“*. O anúncio era muito vago, praticamente criptografado. Eu viria a saber no futuro que isso é uma marca registrada de golpes do tipo - é mais fácil te enrolar quando você não entende exatamente os detalhes do negócio.

Apesar disso, a idéia de iniciar um próprio negócio soava tão sedutora quanto o autor do anúncio almejava. A linha “oferecemos treinamento gratuito” afastou o medo de que minha falta de experiência seria um empecilho nos meus planos. Liguei pro sujeito.

Uma secretária eletrônica atendeu minha chamada. Deixei meu nome e meu número, e passei a esperar.

Em menos de uma hora o sujeito me liga de volta. Ele se apresenta como Bruce, e pergunta se eu estou interessado na “oportunidade de negócios” que ele postou nos classificados. Eu explico que sim, e pergunto que tipo de empreendimento é esse.

“Ah, estamos no ramo de saúde e fitness. Temos escritórios em toda a América do Norte, é uma empresa de mais de 15 mil funcionários só no Canadá, reconhecida na Dow Jones e...”

“Interessante. Qual o nome da empresa? E a propósito... qual exatamente é a posição disponível?”

O sujeito desviou das duas perguntas com precisão cirúrgica. Sem sequer perder o ritmo, ele continuou:

“...e estamos procurando por gente jovem, com vontade de aprender e liderar seu próprio negócio. Precisamos de gente motivada, inteligente, e acho que você vai se encaixar bem na nossa proposta, Izzy.”

Pra quem não sabe, “Izzy” é meu nome de guerra em território gringo. Adotei a alcunha porque os canadenses são incapazes de pronunciar meu nome da forma correta — isso é, em sotaque BRASILEIRO. Nada de rolar a língua nem porra nenhuma; eu acredito que o seu nome é mais do que apenas uma palavra grafada. O próprio SOM do seu nome sendo pronunciado é o que você está condicionado a entender como sua identidade. Ao ouvir um “Israel” pronunciado gringamente, eu não me sinto como se a pessoa estivesse se referindo a mim. Então, já que ninguém vai se dar ao trabalho de pronunciar meu nome direito mesmo, e como gringos têm uma mania incurável de usar apelidos pra tudo, virei Izzy. O termo serve pra qualquer nome que comece com Is (Isabela, Isaque, qualquer um).

Achei levemente suspeito o fato de que o cara pareceu propositalmente despistar minhas questões sobre o emprego. Mas fazer o quê? Eu não tinha nada a perder mesmo.

“Legal Bruce, parece bastante interessante. Mas eu tenho apenas 19 anos, e não tenho experiência alguma com o mercado de negócios e tal”.

Isso não incomodou o cara de forma alguma.

“Que é isso, não faz mal não. A gente vai te ensinar TUDO. *Se você pudesse vir na palestra que vai rolar hoje à tarde, seria excelente!*”

Na época eu não sabia, mas o cara estava praticamente lendo a cartilha dos golpes de pirâmide contemporâneos. A turma que já conhece a laia entendeu o motivo do itálico naquela frase.

Nessa hora meu desconfiômetro apitou forte. O cara parecia **MUITO** disposto a me contratar, a despeito do fato de que ele não sabia NADA sobre mim e eu ter explicado claramente que não tinha qualquer tipo de

experiência nesse tipo de negócio. Como era recém chegado no país, concluí apenas que as fábulas que ouvimos a respeito do primeiro mundo deveriam ser verdadeiras, e que de fato tem emprego pra todo mundo.

Acontece que a palestra aconteceria em Toronto. Eu morava em Oshawa, a 60km de distância. A rodovia que liga as duas cidades, a 401, é a estrada mais movimentada de todo o país. Demora mais ou menos uma hora pra ir de Oshawa a Toronto, se você estiver num horário de pico.

Expliquei a situação pro cara, pensando “bom, como o maluco mora em Toronto, agora mesmo é que ele se desmotivará em me contratar. Não tenho carteira de habilitação e nem fodendo vou viajar 60km de trem todo dia pra ir trabalhar”. Se Bruce estava decepcionado com as condições geográficas que restringiriam minha capacidade de trabalhar pra ele, o cara não mostrou isso de jeito nenhum.

“Ah, que pena. Vamos fazer o seguinte - eu posso ir até Oshawa bater um papo com você, apresentar a proposta da empresa, te dar umas dicas, te registrar e você já estará pronto pra começar!”

Por que DIABOS o cara tá tão convencido a me contratar? Batemos papo por cinco minutos no telefone, numa conversa em que eu fiz nada além de ressaltar os diversos motivos pelo qual eu talvez não seja a melhor pessoa pra posição, e ainda assim o cara está disposto a viajar 60km pra me contratar aparentemente no ato?

“Nesse mato tem cachorro”, pensei com meus botões. Mas, ingênuo e inexperiente, considerei a opção de que ao invés de um cachorro, era uma oportunidade de trabalho que se escondia atrás da suspeitíssima moita. Afinal de contas, o que eu tinha a perder?

Nada. Mas isso é simplesmente porque eu não tinha nada a investir. Pra maioria das pessoas que se sente seduzida pelas esperanças irreais manufaturadas pelos recrutadores da Herbalife, na realidade muito acaba sendo perdido. E não estou falando apenas de dinheiro.

O tal do Bruce apareceu lá em casa no dia seguinte.



Eu não estou de putaria. Esse era exatamente o carro que o sujeito estacionou na frente da minha casa - um AMC Gremlin 1973. As únicas diferenças notáveis é que o carro do Bruce era vermelho com pintas marrons (era o epóxi cobrindo os buracos na lataria), e que esse da foto acima ainda tem as calotas nas rodas.

Eu não estou de putaria. Esse era exatamente o carro que o sujeito estacionou na frente da minha casa – um AMC Gremlin 1973. As únicas diferenças notáveis é que o carro do Bruce era vermelho com pintas marrons (era o epóxi cobrindo os buracos na lataria), e que esse da foto acima ainda tem as calotas nas rodas.

Bruce saiu do carro desengonçadamente, daquela forma característica que pessoas gordas saem de carros — se arrastando pra fora, como se mal conseguissem puxar a bunda gorda pra fora do banco, se apoiando com a mão no teto do carro e tudo. Içar-se pra fora do carro devia ser o único exercício que o cara praticava.

Já fora do aparelho, o gringo puxou as calças pra cima e com a mão livre enfiou as bordas da camisa pra dentro. Maluco passou então a ajeitar os poucos fios de cabelo que lhe restavam. Tudo sem a menor cerimônia, como se eu não tivesse acabado de ver o cara chegando todo esbalgalhado. Fiquei observando a triste cena do sujeito se aprumando todo bem na minha calçada, à ampla vista da vizinhança. Bateu vergonha imediatamente.

O cara estendeu o braço pela janela e apanhou uma pastinha de couro bem surrada e quase sem cor. Terminada sua arrumação, o sujeito se dirigiu a mim, com a mão esticada e um sorriso na cara.

“Izzy Nobre? Eu sou o Bruce. Muito prazer!”

Eu trouxe o sujeito pra sala. Trocamos breves gentilezas (“Bonita casa”, “Ah, obrigado”, “Tá um clima bacana hoje, né?”, “Humrum”) e então o Bruce mergulhou nos negócios.

Primeiro ele me deu um discursinho decorado a respeito de que o mercado de saúde e fitness é a maior indústria do mundo, e que é um ramo de mil oportunidades, sei lá mais o que. Nessa hora eu me lembrei que até agora não sabia o que diabos era o tal emprego, ou por que o sujeito se deu ao trabalho de vir até a minha casa pra me contratar. Àquela altura o negócio nem parecia mais uma entrevista de emprego, e sim um “sales pitch” — ou seja, alguém tentando te convencer a comprar (ou, num uso menos literal da expressão, acreditar em) alguma coisa.

Como eu viria saber em breve, no caso deles seria ambos.

Ele puxou então uns panfletinhos da pasta. Os impressos anunciavam o sucesso deste ou outro maluco africano que havia começado a trabalhar pra empresa há menos de um ano e ganhou tanta grana que recentemente comprou até casas pros familiares e coisa e tal. O cara continuou seu discursinho sobre a expansão da indústria de produtos voltados ao estilo de vida natureba.

Eu finalmente interrompi o maluco pra perguntar do que se tratava o negócio. O cara estava matraqueando por uns vinte minutos a este ponto, e imagino que o tom da minha pergunta não deixou dúvidas sobre minha impaciência. O cara finalmente largou mão da enrolação.

“Herbalife”. Uma oportunidade única, segundo as milhares de pessoas fictícias que fizeram fortunas imaginárias através dela. Os olhos do cara quase brilhavam com empolgação.

Hoje, muitos anos depois, eu teria chutado o maluco pra fora da casa assim que ele falasse “Herb...”. Lembre-se, esta história aconteceu mais de quatro anos atrás, eu nunca tinha ouvido falar em esquemas pirâmides antes na vida.

O cara explica a linha de produtos que eles vendem (sucos de fruta/suplementos/vitaminas), e em seguida fala que a vaga que ele quer me oferecer é de “representante regional autorizado”. Um termo pomposo pra “vendedor de porta em porta” - o que ele desonestamente omitiu, mas eu viria a entender por conta própria.

Ao invés de falar a verdade, ele explicou que o mote do negócio é “estabelecer clientela fiel através de ‘social networking’, e com isso expandir seu público alvo”. Ou seja, empurrar as tralhas pra amigos, familiares e tal. Ou seja, totalmente inviável pra alguém que acabou de chegar no país, não conhece absolutamente ninguém e nem fala inglês direito.

Ele passou a citar novamente a maravilha que é o mercado do tipo de produto que ele vende. Falou que a nova onda na América do Norte é alimentação saudável e que há uma grande demanda por esse tipo de produto natural.

Devo ter transparecido meu desinteresse em vender suquinho natureza, porque de repente ele partiu pro carro-chefe do modelo pirâmide, o que geralmente convence pobres coitados a embarcar nessa loucura.

“Ser representante de vendas da Herbalife é realmente excelente, tem gente que faz uma boa grana com isso”, ele disse, batendo com os dedos no panfleto que eu havia largado em cima da mesinha de centro “Mas o potencial mesmo é se tornar distribuidor.”

“Como assim, distribuidor?”

“Bom, digamos que ao invés de apenas vender o produto X ou Y, você venda pro sujeito o KIT DE PARTICIPAÇÃO HERBALIFE. Ele se tornará outro representante, e você ganha uma porcentagem do que ele vende. Se você for carismático e persuasivo, em breve terá montado seu próprio time

de representantes, e ganhará tanta comissão do emprego deles que não precisará nem trabalhar!”

Demorou pouco tempo pra perceber a ironia da situação - ele descreve com entusiasmo como eu posso lucrar com o trabalho alheio através desse sistema, enquanto tenta me recrutar com o mesmo intuito: ganhar às minhas custas. De repente a disposição dele em vir até Oshawa deixou de ser tão misteriosa.

Nesse ponto eu ainda estava em cima de cerca. A idéia parecia muito suspeita, e a linha de trabalho era bem diferente do que ele fez parecer no anúncio do jornal. Entretanto, até aqui o negócio parecia apenas um emprego ruim. E se tem uma coisa pra qual sempre tive disposição, é tentar trabalhos mesmo que pareçam inferiores do que eu esperava. Então até aí eu **AINDA** estava analisando a proposta com um certo otimismo.

O cara se levanta pra ir ao carro e me mostrar a linha de produtos, pra eu me familiarizar com eles e tal. Neste ponto eu não tinha dado sinal algum de que aceitei a oferta, mas o cara parecia estar animadamente contando com isso. Logo, eu deveria conhecer melhor a tralha vendida por eles.

Sigo o Bruce até o carro dele. O infeliz abre a porta do veículo e se dobra todo pra pegar uma caixa que repousava no banco traseiro. Enquanto ele manobrava sua banha por cima dos bancos do carro e se torcia todo pra apanhar a caixa, eu pude notar um buraco no chão do carro que me permitia ver a rua. Dava tranquilamente pra passar uma latinha de cerveja pelo rombo.

Não estou inventando isso. Nessa hora todos os alarmes soaram em minha mente, o tal emprego começou a parecer mais ainda com uma furada, e eu passei a me ocupar pensando em formas de mandar o sujeito embora sem ser mal educado.

Ele me seguiu de volta pra sala. O cara começou a tirar da caixa garrafinhas de sucos e latinhas de vitaminas em pó. Ao mesmo tempo que puxava o produto, Bruce fazia declarações sobre sua suposta eficácia: este aqui rejuvenesce a pele, esse aqui filtra o sangue de impurezas, esse aqui

aniquila radicais livres, esse aqui serve pra ajudar na recuperação de pacientes com câncer...

Cada afirmação milagrosa vinha após alguns segundos examinando os rótulos dos produtos com a maior cara de palerma do mundo, e frequentemente o cara se enganava e tentava corrigir sua descrições por ter lido um rótulo erroneamente, e em seguida achar na caixa o produto que ele achava já ter apresentado. “Opa, era ESSE aqui que combate calvície...”

Em outras palavras, o cara era a ilustração da incompetência. O carro fodido, a aparência desleixada, sua falta de eloquência, a inexperiência com os próprios produtos, tudo me convencia de que o cara era um inepto total, e que esse “emprego” seria uma perda de tempo. Alguma coisa vinda de um maluco desses não tem como ser boa coisa, eu pensei.

Interrompi o sujeito na cara dura.

“Mas vem cá Bruce, quanto é o salário mesmo?”

Nessa hora o cara pareceu pego de surpresa. Aquele meio segundo de hesitação me disse tudo que eu precisava saber.

Mesmo assim, o cara se recompôs e deu mais um discursinho que só poderia mesmo enganar os mais ingênuos.

“Essa é a beleza da Herbalife, Izzy. Com a gente, seu potencial não é ditado por uma cota fixa. Você ganha uma comissão de vendas e de novos inscritos. Não existe um limite pro seu potencial! Eu por exemplo me demiti do meu emprego pra trabalhar integralmente com a Herbalife!”

Bateu um sentimento horrível de pena. O cara largou um emprego garantido pra vender suquinho e suplemento alimentar pra estranhos? Pra ganhar apenas comissão de vendas?

Enquanto eu matutava uma réplica educada pro cara, ele abriu a pastinha e puxou uns papéis.

“Pra gente não perder muito tempo, vou começar a preencher seu formulário de inscrição aqui.”

Fiquei com vergonha de dizer a verdade pro cara - que eu tava achando que aquilo era uma incrível perda de tempo, e que sair por aí vendendo suco e suplemento alimentar pra amigos e/ou conhecidos (duas coisas que eu não tinha) de porta em porta me parece totalmente sem futuro.

O cara continuava preenchendo a papelada enquanto eu dava um sorriso sem graça pensando numa desculpa pra pular fora do negócio sem ser rude. Sempre tive esse problema - por causa da educação dada pelos meus pais eu sempre tento ser o mais cortês possível, o que me coloca nesse tipo de situação que um simples e mal educado “não estou interessado, favor sair da minha casa” resolveria.

“Ok, tudo tá pronto aqui. Agora só preciso dos 200 dólares da taxa de inscrição pra que a gente possa...”

Hahaha, justo quando eu pensava que não podia ficar pior.

“Taxa de inscrição?”

“Isso. Há uma taxa de apenas 50 dólares pra processarem sua aplicação. Os outros 150 dólares são pra pagar os produtos que deixaremos na sua mão. Eles têm um valor de quase 250 dólares, então aí está um lucro fácil de 100 dólares!”

“...se eu vender a caixa toda.”

O cara não identificou o tom de desdém da minha frase - a resposta dele me faz pensar que ele interpretou minha reação como empolgação.

“Poisé. E isso é só o começo! Assim que você estabelecer uma rede de distribuidores, os lucros vão...”

Fiz de conta que ele nem estava falando.

“Então se eu conseguir vender uma caixa inteira em, digamos, uma semana” - tanto eu como ele sabíamos que seria mais fácil construir um F-

22 completamente funcional usando nada além de caixas de sapatos, esparadrapo e fitas cassete que vender a caixa toda em tão pouco tempo - “estarei fazendo 400 dólares por mês?”

(Tenha em mente que o salário mínimo canadense é mais ou menos 1200 dólares por mês, e qualquer pessoa ganhando menos que isso seria aconselhada por todos a arrumar um emprego melhor. Aliás, minto - ganhar apenas 1200 dólares por mês já seria o suficiente pra ser considerado um fodido)

Dessa vez minha real opinião foi captada pelo cara. Ele tentou esconder que se sentiu ofendido. Ele começou a explicar novamente que meu limite é estipulado apenas pela meu esforço e minha força de vontade, e...

Ok, sabe duma coisa? Chega de ser educado. Foda-se. Já perdi tempo o bastante com essa merda.

“Deixa eu ver se tou entendendo, Bruce. Eu vou então trabalhar apenas por comissão, vendendo produtos com promessas que sugerem conteúdo medicinal mesmo sem ter nenhum treinamento ou autorização pra isso, a única forma de isso se tornar realmente rentável é convencendo desconhecidos a vender o negócio por mim, não há nenhuma garantia que as minhas horas de trabalho resultarão em lucro, e antes mesmo de começar qualquer coisa já preciso dar 200 dólares pra vocês? É isso?”

Eu sei que eles treinam os sujeitos pra usar manobras retóricas pra varrer essas críticas pra baixo do tapete usando silogismos baratos, mas acho que o Bruce perdeu essa aula. O cara ficou totalmente sem resposta e fez uma cara que me deu muita pena. Aqueles cinco segundos de silêncio foram extremamente desconfortáveis. Meu senso de educação voltou à ativa e tratei de inserir uma desculpa secundária, pra não parecer que eu estava alopando o negócio totalmente.

“Além do mais, eu não tenho 200 dólares pra investir nisso. Não tenho dinheiro nenhum.”

“Isso não é um problema. E se eu te der uma caixa minha? Você poderia já começar a trabalhar, e quando pudesse, me pagava os 200 dólares de volta.”

O cara tentava me convencer da idéia da mesma forma que uma criança implorava a mãe por um doce. Seria totalmente patético, se não fosse totalmente desonesto.

Perdi a bondade de vez. O cara estava realmente tentando me passar a perna. Um gringo querendo enrolar um brasileiro! Essa é boa.

“Você quer que eu venda o SEU material, pra eventualmente pagar uma dívida de 200 dólares? O que exatamente eu ganho com isso?”

Mais uns segundos de silêncio. Já chega disso, pensei. Estendi a mão pra ele.

“Bom Bruce, foi um prazer mas acho que isso não é pra mim, não”. O que na verdade significava “É uma pena que você caiu nessa. Procure outro otário pra te livrar desse lixo”. A insistência desapareceu. Resignado, o maluco começou a reempacotar os frascos humildemente. Tirou um cartão do bolso e estendeu pra mim.

“Se você mudar de idéia, aqui está meu número.”

“Não vou mudar de idéia, cara. Quero um emprego, não um bico de comissão em que eu já começo perdendo dinheiro.”

Quando terminei de falar isso, senti novamente pena do cara. O sarcasmo foi meio cruel.

Nisso, já estávamos na calçada. O cara joga a caixa no banco de trás, se vira pra mim e profetiza: “Você vai se arrepender, ‘moleque’. Tá jogando fora uma oportunidade única de fazer bastante dinheiro”.

Aquele “moleque” soou arrogante o bastante pra me fazer, mais uma vez, abandonar a compaixão. Estiquei o pescoço pro lado e, por cima dos ombros dele, joguei um olhar pra sucata estacionada na minha calçada.

“Sinceramente? Acho que a única pessoa com algum tipo de arrependimento aqui é você, Bruce”

Virei-me e voltei pra dentro de casa, dessa vez sem remorso. Desde esse dia, eu fico absolutamente surpreso que existem pessoas mais velhas e mais experientes que eu mas que de alguma forma caem nesse golpe.

Daquele dia em diante, passei a considerar esquemas de pirâmide como o Teste Definitivo de QI.

O gordão reclamão

Como já devo ter mencionado em algum momento, eu trabalho numa sex shop. É um emprego pitoresco, que me permite interagir com os tipos mais variados de indivíduos – e conhecer suas taras sexuais mais estapafúrdias.

Há alguns meses tive um leve desentendimento com um cliente que aparece na minha loja diariamente.

Chamarei-o de Bob porque, bem, esse é o nome dele. Bob é ex-colega de trabalho de uma tiazona que costumava trabalhar comigo, e a despeito disso (quem sabe, JUSTAMENTE por isso) o cara escolheu a minha loja pra comprar seus acessórios masturbativos. Aparentemente eles trabalhavam juntos numa empresa de fretagem, sei lá. Ambos já me explicaram sua conexão anterior mas eu fiz o máximo para ignora-los sumariamente, então nem lembro.

Poizé. O Bob é daqueles chatos chatíssimos que sentem uma compulsão de te contar minúcias da vida dele que você de forma alguma se importa em saber. Sabe aquele cara que você vê na rua e, conhecendo o naipe, tu finge que não o viu? Mas aí o feladaputa te vê, atravessa a rua acenando pra vir falar com você, e te conta alguma babaquice que está acontecendo atualmente na vida dele? A empolgação do sujeito em te dar um relato apurado de suas idas e vindas é diretamente proporcional à sua falta de interesse em ouvi-lo.

Agora imagina um sujeito que até aquele cara do exemplo acima acharia chato. Em seguida imagine que o sujeito hipotético tem um peso que só pode ser escrito usando três dígitos.

Então, esse é o Bob.

O Bob chega aqui toda noite me falando sobre alguém que o cortou no trânsito, sobre um velho amigo de faculdade com quem ele esbarrou na

seção de legumes do supermercado local, sobre uma verruga que ele achou embaixo do suvaco, e por aí vai. Nenhum assunto é trivial o bastante pra não ser compartilhado pelo infeliz, e ele não apenas te conta o básico da história. O desgraçado conta uma backstory de 20 minutos antes de chegar no assunto com o qual ele quer te encher o saco. Nem minha mulher consegue ser tão tolkeniana ao contar uma história!

Chegou a um ponto que só de ve-lo entrando na loja eu já soltava um “putaquepariu” baixinho e fechava a tampa do netbook ou jogava o livro embaixo do balcão, supondo que pelo desgraçado ser um freguês, bons modos ditam que eu deveria dar a ele minha atenção inteira. Hoje eu descobri que tirando os olhos do computador/livro ou não, isso não afeta em nada a capacidade do Bob de me encher o saco desfiando minuciosamente acontecimentos sem qualquer importância.

Hoje o Bob chega aqui na loja comentando que o clima em Calgary anda louco, e que em Halifax o clima é um pouco parecido mas blá blá blá blá blá blá blá blá. Cinco minutos depois eu estava completamente perdido nos meus pensamentos e o filho da puta continuava tagarelado. Eventualmente ele se calou e voltou-se às estantes dos DVDs. Minutos mais tarde o gordão reaparece com um filme na mão.

“Oh, verificaí o sistema porque eu tou com um crédito de cinco dólares por causa de um engano nas fitas.”

Há um caderno onde anotamos todos os avisos relevantes, pra que a turma do próximo turno esteja a par dos eventos. Verifiquei as últimas páginas do caderno e lá estava a anotação de uma colega de trabalho.

A notinha explicava que na noite anterior o Bob havia alugado um DVD que se tratava de um double feature (ou seja, uma caixa com dois discos), mas que ao chegar em casa ele notou que havia apenas um DVD na caixa. A minha companheira havia prometido um crédito na conta dele por causa do engano.

E logo abaixo da nota, vi uma segunda mensagem. E essa mensagem não iria deixar o Bob feliz.

Reconheci no ato a letra da gerente. A nota da chefia justificava o engano dizendo que o DVD trazia dois adesivos claramente visíveis avisando que havia apenas um disco na caixa. Como o DVD contido tinha um filme completo, o sujeito não tem do que reclamar. A última linha era enfática.

“NÃO DÊ CRÉDITO A ELE”, lia o veredito da gerente. Eu engoli a seco, imaginando como passar a notícia pro balofo que, a essa altura, já suava profusamente como todo gordo.

“Errr, então né. Tou vendo uma nota aqui no nosso caderno... e o que acontece é que...”

A cara do Bob fechou subitamente. Sem dúvida naquele momento ele não queria compartilhar nenhum momento trivial da vida dele comigo.

“Ahhhh era só o que me faltava” ele jogou o celular, o cartão de crédito e a chave do carro em cima do balcão, e espalmou as mãos no mesmo “o que foi agora? Vai me dizer que negaram meu crédito?”

Engoli em seco outra vez.

“Não, é que... bom, sim. É que a caixa do DVD tinha um adesivo explicando que só havia um filme na caixa, e...” antes mesmo de terminar minha frase, eu já estava ciente do que eu estava fazendo - por mais diplomático e não-confrontacional que fosse meu discurso, a mente do sujeito filtraria a mensagem e tudo que ele entenderia é “não vamos dar o crédito porque você é burro”.

O gordão se espevitou todo, com o dedo erguido no ar.

“Mas que putaria é essa? Eu alugo filme aqui praticamente todo dia, e agora vão querer me sacanear?!”

“Bom senhor, a decisão não é minha, estou apenas lendo o que a gerente escreveu aqui” apontei pro livro. Talvez não tenha dado certo pros oficiais nazistas em Nuremberg, mas “eu estava apenas seguindo ordens” era minha única defesa.

“**Não quero saber**“ berrou o gordo “Isso é fraude. É fraude”.

Imagino que meu rosto esboçou exatamente a reação que um estudante de direito esboçaria ao exposto a tamanho disparate. O gordo decidiu se explicar melhor.

“Se você paga alguém e eles não te dão nada em troca, isso é fraude!”

Curiosamente meu livro de direito criminal estava na mochila. Por mais que me desse vontade de dizer “ahh, não, isso não é nem de longe a definição de fraude, ou tampouco a definição desta situação em particular”, e puxar o livro pra fora e ler em voz alta a definição de “fraude” do glossário, é óbvio que peitar o cara só pioraria a situação.

Tentei dar ao gordão uma explicação a respeito da falta do segundo DVD, de repente ele entenderia que não houve malícia da parte da loja, e sim jumentice da parte dele.

“Bom senhor, é que é o seguinte - quando recebemos esses filmes de disco duplo, alugamos os filmes separadamente. Não faria sentido cobrar um valor X por aluguel de filme, e ao mesmo tempo oferecer dois discos pelo preço de um. A lógica é que se você quiser assistir ambos os discos, terá que alugar ambos, pagando 2X. É o met...”

“Não quero saber. Isso é uma putaria. Uma **PUTARIA!** Eu tenho um blog, sabia? E se me sacanearem vou escrever tudo isso no meu blog!”

Eu pisquei estupefato. Os cinco ou seis segundos de silêncio foram finalmente quebrados pela minha pergunta.

“O senhor... o senhor tem um blog?” imediatamente eu me dei conta que a surpresa era totalmente sem motivo. Pra um cara que gostava tanto de falar da própria vida, manter um blog deveria ser uma atividade tão comum quando respirar ou alugar esses filmes de traveco que o Bob aparentemente gosta tanto.

“Tenho. Escrevo sobre um monte de coisa, e faço **DENÚNCIAS** também. O nome é **INTERNET** meu amigo, um monte de gente lê essas coisas,

ativismo do consumidor! Se me sacanearem vou escrever no meu blog hoje mesmo!”

Controlei a curiosidade de perguntar a URL do blog do cara. Respirei fundo.

“Bom senhor, talvez o senhor queira voltar durante o dia, pra falar com a minha gerent...”

O gordão estava empolgado e não me deixou continuar.

“E depois que eu espalhar isso pra internet inteira, vou escrever pro Calgary Herald também! Aí eu quero ver! Ninguém vai mais alugar nada nessa porra dessa loja!”

E eu fiquei pensando quem diabos o cara acha que é, pra destruir completamente um estabelecimento comercial simplesmente por postar uma posição negativa que era inteiramente resultado da própria burrice dele de não verificar atentamente o que ele estava alugando. Pisquei novamente, encarando o cara com uma expressão neutra no rosto, sem saber o que dizer.

E, acima de tudo, curiosíssimo sobre o tal blog dele.

“Isso é uma palhaçada. Uma putaria! Como é que vocês me alugam só uma fita quando era pra ter duas na caixa?”

Foi só nessa hora eu atentei que o tempo INTEIRO o cara tava se referindo aos DVDs como “fita”, o que talvez seria normal dez anos atrás quando o novo formato havia começado a se popularizar. Me deu uma grande vontade de alopra-lo ou ao menos corrigi-lo de forma sarcástica (“fitas? Me desculpe senhor, deve haver algum engano, não alugamos fitas”), mas assim como um documentarista do Discovery Channel não interfere no comportamento dos animais que ele observa, decidi manter o hábito do Bob inalterado.

Ele continuou bufando e explicando pra mim, nerd-mor que passa 10-12h por dia na internet, como é que redes sociais e blogs funcionam. Deu

vontade de dizer “dotô, eu já blogava quando sua próstata ainda tinha tamanho saudável”, mas mantive silêncio monástico.

“E aí vou mandar carta pro Sun também, e aí eu quero ver! Ninguém mais vai alugar filmes nessa joça e vocês vão se arrepender muito de me sacanear. Vocês não sabem quem eu sou!”

Uma rápida olhada no sistema e eu poderia responder “sim, sei exatamente quem você é. Você é o Robert de Tal, morador da rua tal, casa tal, que tem conta conosco desde 2007 e alugou quase trezentos filmes de travecos só no ano passado”. Ele nem me deixou terminar o pensamento:

“Fodam-se vocês e foda-se essa loja de merda. Deixa eu chegar em casa e vocês vão ver só o poder de um consumidor revoltado!” O gordão apanhou as tralhas e saiu pisando duro até à porta.

E eu percebi quase imediatamente que na sua pressa indignada, o balofo havia deixado seu cartão de crédito em cima do balcão. SEM QUERER deixei o cartão cair no cesto de lixo.

Aparentemente o balofão voltou no dia seguinte pra alugar outra “fita” (felizmente, ele apareceu em outro turno), e qual não foi sua surpresa ao descobrir que ALGUÉM havia deletado sua conta na loja por maus tratos aos funcionários.

E o meu colega de trabalho que o atendeu disse que não, infelizmente no nosso achados-e-perdidos não havia nenhum cartão de crédito, talvez ele tenha perdido em outro lugar.

A lição de moral é, não seja escroto com alguém que lida com seus filmes pornôs e seus vibradores. Considerando que boa parte do que eu vendo naquela loja vai dentro do seu corpo, ter seu cartão perdido e a conta cancelada não é nem de longe o pior que eu poderia aprontar.

O dia em que eu soltei um rato na locadora de videogame

Imaginei o verão cearense de 1996, ou seja, aquela época do ano em que as chuvas evaporam um pouco antes de tocar o chão e ar condicionados trabalhando a todo vapor mal conseguem reduzir a temperatura em salas de espera pros 30 graus. Eu tinha, deixa eu fazer as continhas, doze anos. Ou melhor, onze, porque como meu aniversário é em novembro a probabilidade dessa desventura ter se passado nos outros dez meses anteriores é mais alta.

Então, lá estava eu com meus doze aninhos vagabundando em casa. Não havia internet, TV a cabo era aquele tipo de sonho de consumo ainda impopular, eu não tinha um videogame ainda, e a constante vigilância materna tornava virtualmente impossível esconder uma revista de pornografias carnais nas dependências da nossa casa. Sem muitas opções de divertimento, meu estilo de vida na época se baseava em se encontrar com os amiguinhos do bairro na frente ou dentro da locadora da região para discutir os assuntos de vigência em nossas vidas infantis patéticas e sem propósito algum.

Justamente pela falta de propósito ou significado em nossas vidas, algumas idéias visivelmente retardadas não eram simplesmente discutidas em caráter de seriedade, mas também colocadas em prática prontamente, em questão de minutos. Passávamos dias inteiros planejando a logística de planos retumbantemente retardados, como por exemplo dar uma festa dentro daquela “casinha” no condomínio da esquina onde os zeladores do prédio estocam o lixo produzido pelos condôminos.

Não tou inventando isso. Nós *realmente* fizemos isso, com a ressalva de que no contexto infanto-juvenil cearense, a tal “festa” se resumiu a sete moleques confinados num espaço de cinco metros quadrados, comendo biscoito Passatempo e bebendo refrigerante genérico rodeados por camisinhas usadas, testes de gravidez e fraldas sujas. Aliás, algo que minha mente infantil não poderia apreciar na época é a cômica porém lógica

sequência dos nojentos itens que nos rodeavam naquele ambiente. Mas divago.

Vou te dar um momento de ponderação pra que você possa apreciar a imagem mental de um punhado de moleques retardados de classe média alta se reunindo pra comer e conversar rodeados de lixo puramente por não ter nada melhor pra fazer. O contexto que você precisa extrair dessa anedota é que nós nem mesmo hesitávamos antes de aprontar algo completamente imbecil por causa da necessidade de arrumar alguma coisa pra fazer.

Num desses dias de completo ócio, eu dei a idéia (eu tenho certeza que deve ter sido eu quem sugeriu isso, porque entre meus coleguinhos infantis retardados, eu era provavelmente o menos intelectualmente abençoado) de irmos brincar num site de demolição (que costumava ser um conjunto habitacional até os tratores da prefeitura aparecerem) nas adjacências do nosso bairro.

Eu lembro que tentei convencer a turma enchendo as cabecinhas deles com fantasias sobre todos os itens descartados — verdadeiros tesouros de valor incomensurável como relógios quebrados ou frisos de portas — que sem dúvida encontraríamos entre os escombros das casas destruídas. Devo ter esquecido que praquela turma, uma idéia imbecil não precisava ser validada por uma justificativa duplamente imbecil. E fomos todos lá pra remexer as ruínas do conjunto habitacional.



Enquanto meus amigos saltitavam alegremente entre vigas de metal enferrujado e cacos de vidro como uma perseverante família de catadores de lixo daquelas que passam o dia inteiro vasculhando o esfíncter da sociedade moderna na esperança de achar comida apenas parcialmente consumida, eu vasculhava o chão atentamente em busca de algum tipo de material interessante que na manhã seguinte serviria na escola como evidência da minha aventura vespertina com meus amigos do bairro.

Mas minha busca foi sem sucesso, porque aparentemente os mendigos que de vez em quando perambulavam as redondezas já pilharam o lugar de qualquer objeto de valor. Além de uma caixa de sapatos molhada, tudo o que víamos era pedaços de tijolo e cimento quebrado.

Até que finalmente percebi no cantinho do olho aquilo que onze anos depois daria o título a este texto - um gordíssimo rato de esgoto; cinza, peludo e visualmente repugnante como manda o roteiro que descreve a aparência de ratos de esgoto caso tal roteiro existisse em algum lugar além da minha imaginação.

Foi aí que o meu espírito empreendedor floresceu na forma da mais genial idéia que eu tive naquela tarde — e se eu usasse aquela decrepita caixa de sapatos molhada para capturar aquele pokemon selvagem e em seguida trazer o fruto da minha caçada pra locadora, permitindo que meus amiguinhos que não participaram da aventura pudessem apreciar os resultados da ida ao terreno demolido? A idéia era tão sensacional que jamais poderia resultar em algum problema.

O rato se mostrou particularmente não-responsivo, então coloca-lo em cativeiro foi extremamente menos problemáticos do que todas as outras vezes em que eu tentei capturar um rato vivo. Se eu lembro bem, houve pelos menos cinco momentos distintos da minha vida em que eu precisava (ou apenas QUERIA) obter um rato.

Já de posse do meu roedor, reuni os companheiros e exibi o achado. A minha genial idéia de repente pareceu não mais tão genial, porque todos sugeriram exatamente a mesma coisa, quase ao mesmo tempo — vamos levar o bicho pro pessoal lá da locadora!

A decisão foi unânime. Se tratava, de fato, de mais uma de nossas sensacionais idéias que não poderiam de maneira alguma dar errado. Além do mais, os mendigos começavam a orbitar o terreno, certamente tentando declarar posse de qualquer outro achado de valor que extraíssemos do seu território. Nenhum de nós tínhamos seguro de vida contra tétano adquirido por meio de esfaqueamento administrado por moradores de rua, então tava na hora de se mandar.



Serelepeamente nos dirigimos à locadora do escrotíssimo Seu Roberto que, pra deixar a história ainda mais saborosa, era **argentino**. Neste ponto seria redundância desnecessária esclarecer que Seu Roberto se tratava de um dos maiores filhos da puta com quem eu já tive o desprazer de interagir.

O único motivo pelo qual prestigiávamos o estabelecimento gueimer dele era a posição geográfica conveniente, até porque a tabela de preços era absurda. Um real por hora em jogos de SNES e Mega Drive (quando as outras locadoras frequentemente cobravam metade do preço), **TRÊS** por hora em Playstation, N64 e 3DO. Seu Roberto era o tipo de pessoa que fazia você interromper a expressão "...e eu não desejaria aquilo nem pro meu pior inimigo!" pra perguntar ao interlocutor se ele conhecia o dono da locadora do nosso bairro, em seguida adicionando que no caso dele uma exceção seria aberta.

Então. Adentrei o recinto do Seu Roberto com o rato a tiracolo e a minha turminha seguindo de perto, como caçadores nas planícies da Tanzânia retornando à cidade com um troféu em forma de um cadáver de um animal selvagem qualquer.

Meus companheiros de aventuras serviam como anunciadores da minha proeza, indo em cada cabine e interrompendo as partidas de Mortal Kombat pra informar os fregueses da locadora sobre o grande e cinzento rato de esgoto que nós achávamos que seria de grande interesse pra eles.

E, contrariando o bom senso, a pivetada realmente estava interessada no meu rato. A patotinha esqueceu os videogueimes temporariamente e cercaram a trupe de intrépidos caçadores, curiosos em relação ao nosso ratinho de esgoto. Puxa aqui, puxa ali, todo mundo esquecendo o instinto de auto-defesa temporariamente e metendo a mão ao mesmo tempo pra afagar o bichinho. E então acontece.

Se você está prestando atenção na narrativa, a caixa de sapatos estava originalmente molhada por uma substância que apenas hoje em dia eu percebo que provavelmente se tratava de urina de mendigo aidético. Não precisa ser um engenheiro estrutural da NASA pra saber que a integridade física da caixa estava seriamente comprometida. A força exercida pela multidão de moleque puxando a caixa em vários vetores diferentes acabou rompendo os ligamentos da fibra molhada do papelão, fazendo o rato cair no chão. Deixando a letargia inicial de lado, o rato em seguida correu em direção às cabines onde os videogames ficavam, buscando refúgio.

Foi pensando em momentos tais como esse que o nosso povo desenvolveu expressões como “aí fodeu tudo”.

Como que movido por molas, a pivetada inteira pulou pra fora da loja, largando controles de SNES no chão, derrubando cadeias, empurrando-se uns aos outros. Se você frequentou alguma locadora de videogame na sua vida, você deve saber que o ato de derrubar um controle no chão era extremamente mal visto pela administração do estabelecimento; alguns até mesmo puniam o delito com a redução do período que o cliente pagou pelo jogo.

Algumas simplesmente recusam serviço na segunda derrubada. O que é compreensível, afinal de contas, aqueles consoles e todos os periféricos relacionados eram o ganha pão dos nerds adultos que se aproveitavam do preço alto dos consoles aí no Brasil pra montar aqueles estabelecimentos comerciais.

Agora, eu tenho muita certeza que a pivetada não estava realmente apavorada com o rato. As duas meninas que de vez em quando frequentavam o lugar (e por muito azar escolheram justamente aquele dia pra jogar *The Lion King*) talvez estivessem genuinamente assustadas; o resto da pivetada deve ter ido junto pelo prazer de participar da algazarra.

Então, onde eu estava mesmo? Ah, sim a pivetada tava fugindo da locadora como os botafoguenses viados que provavelmente eram (*Little known fact*: todo botafoguense é viado. Isso é uma constante quântica), derrubando controles, cadeiras e as outras crianças que tinham o azar de se encontrar entre a gurizada e a saída. Sem compreender a balbúrdia, me resignei a me agachar perto de uma das mesas pra recapturar o rato, lembrando neste momento que eu ainda não havia dado um nome a ele.

Enquanto em pensava num bom nome cristão com o qual pudesse batizar meu novo animal de estimação, notei que um par de sapatos havia se posicionado bem do meu lado. Sapato muito sério, de couro marom que indicava que o dono dos pés que os calçavam eram sem dúvida um adulto. Um adulto de provável mau humor, o que era o resultado comum de minhas estripulias.

Era ninguém menos que o odiável Seu Roberto, dono da locadora, filho da puta local da nossa região. Sem emitir nenhum tipo de comunicação audível, Seu Roberto fez algo a respeito do qual eu só havia até então lido em revistinhas da Mônica — o filho da puta me pegou **PELA ORELHA** e me dirigiu até a saída do seu estabelecimento comercial.

Tudo em seguida aconteceu muito rápido. Eu lembro de ver a gurizada, uns vinte moleques mais ou menos, formando aquela rodinha estupefata na calçada. A gritaria atraiu alguns vizinhos, que correram pras portas pra averiguar quem estava arrumando confusão daquela vez. Seu Roberto finalmente largou minhas orelhas, mas não sem antes me dar um empurrão pro meio da pivetada. Os corpos franzinos de meus colegas amorteceram o impacto, não por solidariedade mas porque foram pegos de surpresa também. Finalmente, Seu Roberto decidiu se pronunciar.

Eu não falo espanhol, mas eu tenho bastante certeza que ele não estava recitando a letra de uma canção dos Menudos. Seu Roberto em alguns momentos lembrava que não entendíamos sua língua e enfiava alguns palavrões lusófonos no meio de sua gritaria, entre os quais o que me lembro com mais clareza é “lazarento”. Naquela época eu ainda era levemente religioso, então a maneira como o sujeito transformou um nome bíblico em um xingamento foi no mínimo fascinante.

O cara começava a se comportar de maneira bastante agressiva, de forma que eu achei que sair correndo em direção à minha casa era a única alternativa viável no momento. Por um momento eu achei que o cara ia me perseguir na corrida, mas as portas da locadora ainda estavam abertas e aquela multidão de moleque não pensaria nem 1/6 de vezes antes de pilhar completamente o interior da loja. Talvez eu deva minha vida a isso.

O desgraçado não me seguiu, mas no mesmo dia ele foi bater na porta da minha casa exigindo falar com meus pais. Não presenciei a conversa, mas o resultado dela é que eu fui colocado no castigo mais cruel que meus pais jamais me impuseram: fui proibido de sair na rua por aproximadamente seis meses. E eu, absolutamente retardado, segui o castigo à risca até mesmo quando meu pai estava de viagem e não teria forma nenhuma de saber que eu estava quebrando sua ordem.

O ostracismo foi tamanho que, quando pena foi finalmente reduzida por bom comportamento e eu fui permitido sair em liberdade condicional, alguns de meus colegas tinham até se mudado de bairro, e outros alegaram achar que eu havia morrido.

Tomei conhecimento de que, no mundo exterior, eu havia me tornado uma espécie de moleque prodígio, famoso por ter provocado o maior e mais memorável tumulto que a turma havia presenciado. Eu me tornei uma lenda entre a pivetada, mas o status de celebridade não veio sem um preço muito caro.

O tempo distante da minha turma resultou efetivamente numa total desconexão com a galera. Eu havia sido cortado do grupo, a patotinha havia sido desfeita, e a maioria do pessoal havia começado a se relacionar com outros grupos. Tinha até mesmo novos moleques na região que eu jamais havia visto, que me saudaram como uma espécie de celebridade ao tomar conhecimento de que eu era O Israel que havia soltado o rato na locadora. Não dava pra se reunir na casa de alguém pra jogar Sonic sem que algum novato me pedisse pra repetir a história mais uma vez.

Sem putaria, em algumas situações eu fui apresentado aos recém-chegados do bairro pelos mais veteranos como se eu fosse algum tipo de herói de guerra.

E naquele dia eu jurei uma terrível vingança contra argentinos em geral e Seu Roberto em particular, que infelizmente jamais se materializou.

O dia em que fui numa balada gay

Ok. Deixa eu explicar logo essa história.

ANTES DE MAIS NADA, UM AVISO: *eu não sou homofóbico*, quem me conhece sabe disso muito bem — aliás, eu duvido bastante que um cara realmente homofóbico sequer cogitasse ir a uma boate gay com uma cambada de homossexuais que ele acabou de conhecer. Se alguns dos meus comentários soarem maldosos ou preconceituosos, lembre-se que preconceito é literalmente “ignorância”, e de fato eu era até o fim de semana passado completamente ignorante a respeito de uma boate gay. Por isso, os comentários talvez soem “preconceituosos” mesmo, mas jamais intolerantes ou odiosos.

Favor não se ofenderem.

Tudo começou no último sábado. Estava eu lá no trabalho quandoAahhhh, quer saber? Vou contar esta fábula por intermédio de um desses quadrinhos de internet. É disso que a molecada atual gosta, né?



Pois foi isso aí, amigos. A muié me liga no trabalho, convida-me para ir à balada pós-serviço, eu aceito prontamente e em seguida ela informa — como

se fosse um detalhe completamente irrelevante — que trata-se de um estabelecimento noturno para simpatizantes da causa homobaitolística.

Como uma reação involuntária, recusei.

“Pô, boate gay? Sei não...” arrisquei.

“Bom, que diferença faz pra você? Tu não tá indo pra balada pegar ninguém, então dá no mesmo. E eu poderei dançar com as meninas tranquilamente sem maluco escroto dando em cima de mim”.

Diante uma lógica tão infalível, fui obrigado a aceitar. Além disso, gosto de me imaginar como um sujeito progressivo, tolerante, então pensei “bom, se eu afirmo achar homossexualidade normal e digo ser a favor de direitos gays mas fico com ’nojinho’ de ir à uma boate gay com a mulher e suas amigas, estou sendo hipócrita. E de qualquer forma, é melhor sair à noite que voltar pra casa e estudar sozinho no apartamento escuro.”

Meu cotidiano ultimamente se resume ao trabalho e aos estudos. Há algum tempo que não saio com os amigos, que andam igualmente ocupados, então achei que seria uma boa oportunidade pra fazer algo diferente, quem sabe estreitar um pouco os laços de amizade com as amigas da minha patroa. Muié valoriza muito essas paradas, né, quando o cara se dá bem com as amigas dela. Achei que deveria valer a pena, nem que fosse só por isso.

“Ok, vamo lá”.

Ficou combinado que eu iria à casa dos amigos dela após o trabalho, e então de lá iríamos todos juntos à tal Twisted alguma coisa — a boate gay preferida lá dos amigos da menina.

Como eu trabalho de noite e durante os fins de semana, não é raro a muié me convidar pra algum programa noturno e eu recusar por estar cansado. Como que para me deixar despreocupado, ela sempre adicionava “não se preocupa, os caras que tão indo com a gente são tudo gay!”.

Não que fizesse grande diferença, eu não sou um cara ciumento, por mim ela pode ter todos os amigos homens que quiser. Entretanto, sempre achei que esse papo de “os caras que estarão lá com a gente são tudo gay, nenhum

deles tentará me beijar” era conversa fiada dela com desígnio de evitar que eu aja como o namorado ciumento padrão e vete a saída dela.

Pois bem, não era. Chego na casa dos cupades lá e de fato, são tudo gay. Ela não estava mentindo.

Passada a rodada de apresentações, as meninas começam os preparativos pra saída. Uma maquiagenzinha aqui, uma troca de roupa de última hora, essas coisas. O clima na casa era de festa e, apesar de não conhecer quase ninguém daquela turma, me senti imediatamente parte do grupo.

Como eu sou infame entre nossos círculos sociais por não beber, evidentemente todo mundo tenta me embebedar o mais rápido possível. Uma das melhores amigas da minha mulher aparece do nada com um copo de uma bebida qualquer com gosto de perfume e já vai enfiando o receptáculo na minha boca, pondo a mão embaixo do meu queixo já antecipando que eu me babe todo e molhe o chão. Achei o gesto quase maternal.

“Tomai Izzy! Hoje tu vai passar mal! Hahaha!”

Bebo a parada rapidamente e sinto uma náusea na hora. Eu só consigo aturar bebidas “de menininha” — até hoje sou zoado por ter ficado bêbado no Desencontro à base de Smirnoff Ice, mas o que posso dizer? Fui criado em ambiente estritamente religioso, não ia pra shows nem festa quando moleque, nunca adquiri o gosto por álcool.

A cena se repetiu umas três vezes. As meninas pareciam competir em quem seria capaz de me embebedar primeiro. Eu estaria mentindo se dissesse que não gostei de toda a atenção e adulação das meninas.

Alguns minutos mais tarde, já tava todo mundo etilicamente calibrado e os ares começaram a se tornar mais, digamos, libidinosos.



Pois bem, foi aí que nossa pequena comitiva — éramos uns 10 ao todo, acho — os dirigimos ao bar. Eu era o único homem heterossexual da trupe, pela primeira vez pertencia a uma minoria sexual.

Chegamos ao clube. Na fila, uma visão bastante incomum pra mim, muito diferente do que estou acostumado a ver nas boates em que (raramente) vou — algumas drag queens, homens abraçados, homem de maquiagem, alguns casais de lésbicas (algumas estonteantemente pornográficas, mas a maioria era gordinha e/ou com cara de homem — e homem mal-encarado ainda por cima). Posicionamos-nos ao fim da fila, mas um dos nossos amigos conhecia o segurança da boate e subitamente fomos arrebatados da calçada diretamente pra dentro da boate.



Já dentro do clube, adotei uma postura quase científica. Manja os cinegrafistas do Discovery Channel que são colocados em algum local completamente inóspito e encarregados de documentar toda a fauna em seu redor, prestando bastante atenção para os relacionamentos entre as espécies?

Caralho, eu *sei* que certamente alguém vai se ofender todo com essa comparação, mas era assim que eu me sentia mesmo: completamente fora do meu elemento e presenciando algo completamente inédito (pra mim) em um ambiente potencialmente perigoso. Sim, porque eu estava tenso a cada momento.

E tentando prestar atenção em **TUDO** pra relatar aqui no blog depois.

Qualquer esbarrada, qualquer mínimo contato acidental contra qualquer superfície me fazia pular e investigar os arredores suspeitíssimo. Invariavelmente era sempre algum folião que encostou em mim acidentalmente e imediatamente pedia desculpas. Em mais de uma ocasião, foi apenas uma cadeira.

O clima de festa que começou na casa manteve-se na boate. Do nada aquela loira da foto lá de cima me aparece com duas Ices na mão. ”*Pra você*“, ela disse rindo e esfregando às mãos na saia, pra enxuga-las da condensação da garrafa. ”*Hoje eu quero te ver bêbado!*“.

É o que todo mundo costuma fazer quando descobre que eu não bebo. Já me acostumei.

Comecei a virar as garrafas, me sentindo progressivamente mais tonto. Volta e meia uma das amigas me estendia sua própria bebida, com olhares maliciosos e inviolável recusa de me informar do que exatamente tratava-se o drink. ”*Bebe aí, bebe!*“, repetiam. Um pequeno gole e eu sentia o líquido queimando meu esôfago, uma sensação quase insuportável de ânsia.

Whiskey. Resisto bravamente à vontade de vomitar a parada, aliviado por ter tomado um gole pequeno.

Num determinado momento, as meninas queriam ir pra pista. Acontece que a pista é cercada por um bar em que a galera se senta pra bebericar seus drinks enquanto observam a massa dançante e as luzes estroboscópicas. O bar circundava a pista inteira, e como a boate estava muito lotada, circunavegar todo o seu diâmetro até chegar à sua abertura estava fora de cogitação.

Sem cerimônia, as meninas apenas se agaixaram e passaram uma a uma *por baixo* do bar, reaparecendo segundos mais tarde no meio da pista. Tendo todas atravessado a divisa, viram-se pra mim e me chamam.

Avalio a situação. Estou cercado de gays. Pra passar por baixo do bar, eu teria que me abaixar, posicionando meu rosto na altura das virilhas adjacentes. ”*Perigo*“, pensei.

”*Vou dar a volta, pera que já chego aí*“. disse, obstinado. Mas era sem chance — àquela altura a massa dançante já estava vazando da pista para a região adjacente, e portanto minha segunda opção de travessia resumia-se a “passar por osmose entre os casais gays que se esfregavam por ali, boa parte dos quais já encontrava-se àquela altura sem camisa “.

”*Foda-se*“, pensei. ”*Vou me agaixar aqui e seja o que Satanás quiser*“ vaticinei. Imediatamente arrendi-me desta expressão; conhecendo a

reputação de Lúcifer, o que ele desejaria naquele momento é o inverso do que eu desejaria.

Emergi do outro lado do bar, ileso e rodeado pelas meninas. Elas me puxaram pelo braço pro meio da boate. Dancei com todas as amigas da patroa — elas pareciam muito dispostas a dançar comigo; tenho a impressão de que apesar da ida à boate gay ser em parte pra evitar o assédio masculino, a provocativa natureza feminina ainda gosta de arrancar reações de desejo; sendo eu o único homem hetero do local, o jeito era dançar comigo.

Pelo menos essa é a minha teoria. Posso (devo) estar errado.

Três ou quatro Ices mais tarde, eu já estava sentindo bem mais tonto e completamente indiferente ao fato de que eu dançando me assemelho a uma lagartixa epilética. E aí ocorreu o impensado.

Comecei a sentir vontade de mijar.

O pavor dominou meu ser. Já ouvi histórias sórdidas sobre o tipo de putarias que acontecem nos lavatórios de boates do gênero. Enquanto até o momento a bicharada do ambiente mostrou-se extremamente respeitosa (talvez porque me viram dançando com a mão na bunda da mulher — e talvez das amigas? Não lembro exatamente), mas como saber se este pudor seria mantido nos banheiros?

Viro-me praquela a loira da foto acima (chamarei-a de R), que àquela altura etílica já era minha melhor amiga e futura madrinha dos meus filhos, e explico a ela meu dilema.

“Por que você não vai no banheiro das meninas?” ela falou, rindo. Não consegui detectar se ela estava bêbada ou não, ela ri bastante mesmo sóbria.

“O QUE?” gritei no ouvido da menina. Senhor Deadmau5 tonitruava nas caixas de som do ambiente e impedia qualquer diálogo a menos que você depositasse sua mensagem aos berros a menos de 5mm de distância do tímpano do interlocutor.

Sem titubear, R pega meu rosto com as duas mãos — senti um imediato arrepio; esse tipo de toque é estranho vindo de uma garota que não seja

minha mulher — e, com os lábios pressionados contra meu lóbulo esquerdo, repete:

“Vai no banheiro das meninas. Não tem problema!”

Afasto-me dela, pensativo. Ousaria eu penetrar o Santo Santíssimo vestíbulo sanitário feminino? Se eu precisava de uma desculpa pra fazer isso, **AGORA** era a hora. Talvez notando minha indecisão, ela vai e acrescenta:

“De repente cê até vê umas gostosas se pegando lá“ e pisca, maliciosamente. Dito isto ela se vira e começa a dançar com um dos broders que veio à boate conosco, esqueci o nome do cara.

Desci ao porão da boate, me apegando ao corrimão como se minha vida dependesse disso. Já tava consideravelmente alto àquela altura.

Diante o lobby dos banheiros, um momento de indecisão — devo realmente entrar no banheiro feminino...? E se a R falou zoando, ou influenciada pela bebida? Poderia eu ser chutado da boate por tamanha empáfia...? Um pensamento aterrorizador cruzou minha mente — *o que será que fazem pra punir homens que quebram as regras neste estabelecimento?*

Decidi não arriscar. Respirei fundo, tentei lembrar rapidamente todos os movimentos que aprendi naquelas aulas de kung fu anos atrás, concentrei meus últimos neurônios sóbrios numa tentativa de erguer meu nível de alerta e prontidão, e com um passo incerto adentrei o banheiro masculino da boate gay.

E lá dentro... nada. Um cara no mictório, outro ajeitando o cabelo no espelho. Um terceiro entrou depois de mim e, observei estupefato, obedeceu as convenções heterossexuais de ocupar o mictório mais distante daquele já ocupado.

Eu entrei no banheiro esperando uma reprodução contemporânea da decadência sexual dos tempos de Calígula e invés disso vi um banheiro indistinguível de qualquer outro banheiro masculino que já vi na vida. Foi quase decepcionante o quanto a minha expectativa estava errada.

Um outro carinha esbarra em mim acidentalmente ao sair — justamente o tipo de contato não-intencional que me atemorizava, considerando o contexto geográfico — e apenas diz ”*opa, desculpa cara!*“ enquanto me dá um tapinha no ombro.

Aproximei do mictório pra aliviar-me e então finalmente ergui os olhos para inspecionar o ambiente. Todos os outros caras se ocupavam nas próprias funções e não conversavam nem nada. Eu é que parecia o baitola do local, olhando pra todo canto como se procurasse ali um amor homossexual. Quando atentei-me para a ironia daquele fato, desviei os olhos de volta ao meu mictório.

Termino de mijar e volto para a pista. Reencontro as amigas e os broders, danço novamente com mais uma delas, mais uma Ice materializa-se em minha mão. Àquela altura eu tinha comprado **UMA** bebida, mas já tinha virado pelo menos umas cinco. Começo a pensar que, se um dia começar a realmente gostar de beber, continuarei pregando a ladainha sobre crescer em lar evangélico e afastado dos prazeres da carne — seria uma excelente forma de economizar nas noitadas.

Ao fim da noite, eu já estava perdidamente inebriado. Todos estávamos em variados níveis de embriaguez, sendo a R a mais resistente do grupo. Comecei a bater papo com os broders gays, eram todos extremamente amigáveis e muito gente fina. Descobri na manhã seguinte que havia sido adicionado por eles ao Facebook.

Passamos por um fast food qualquer — que eu não lembro de forma alguma qual era; a fachada do local escapa completamente da minha mente. Num instante eu estava vomitando na calçada, no outro estava sentado a uma mesa, ladeado pelas meninas, comendo batatinha frita. Minha mulher estava muito bêbada pra dirigir, então dormimos na casa da R.

E essa foi minha primeira vez numa boate gay. Em retrospecto percebo que era completamente imbecil o receio de ser agarrado por algum gay contra minha vontade simplesmente porque os caras gostam de pirocas. Mulheres também gostam e até hoje nunca fui agarrado por nenhuma ninfomaníaca numa boate hetero. Achar que eu seria sexualmente molestado pela bicharada chega a ser presunção minha.

No fim das contas, gostei de receber tanta atenção das meninas — algo que jamais havia acontecido em nenhuma outra noitada nossa —, os broders são muito gente boa, o ambiente era bacana e eu retornaria à boate sem hesitar.

E é isso aí.

Estes são meus supostos melhores textos, conforme escolhidos pelos malucos que acessam meu site. Este livro foi uma experiência; eu queria saber se seria capaz de publicar, por minha própria conta, um livro. Ainda que fosse um livro de mentirinha, ou seja, um ebook. E descobri que consigo.

Se você gostou desse livro, mande-o pra algum amigo seu. De repente, ele gostará também!

Como já expliquei, este livro é grátis. Há um botão de doações na página onde você o baixou, e creio que alguns de meus leitores fiéis de longa data quererão me jogar alguns trocados como recompensa pelo livro. Agradeço incrivelmente – até porque no momento em que escrevo estas linhas, meu casamento se aproxima e, com ele, minha total ruína financeira.

A propósito, o motivo pelo qual estou fazendo uma experiência em auto-publicação é porque estou escrevendo um *segundo* livro – desta vez, com histórias inéditas sobre meu trabalho na sex shop. Não há previsão de quando este livro sairá, porque sou muito preguiçoso. Mas vai sair.

Se você quiser ler mais bobagens que eu escrevo, vá ao www.hbdia.com. Quando meu livro novo sair, anunciarei lá também.

Você também pode me encontrar no Twitter; lá sou o @izzynobre. E pros antiquados que ainda enviam emails, meu endereço é izzynobre@gmail.com.

Espero que você tenha gostado desse livro na mesma intensidade em que eu me fodi para gerar as histórias que conto nele.

Israel “Izzy” Nobre

Calgary, 23 de junho de 2012